

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO  
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

NAYFA SENA KHALIL

A RELEVÂNCIA DA ILUSTRAÇÃO NA TRADUÇÃO: EM BUSCA DE AMPLIAR A  
COMPREENSÃO DO LEITOR

Brasília

2016

NAYFA SENA KHALIL

A RELEVÂNCIA DA ILUSTRAÇÃO NA TRADUÇÃO: EM BUSCA DE AMPLIAR A  
COMPREENSÃO DO LEITOR

Monografia apresentada ao Departamento de  
Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito  
parcial para obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino

Brasília

2016

NAYFA SENA KHALIL

A RELEVÂNCIA DA ILUSTRAÇÃO NA TRADUÇÃO: EM BUSCA DE AMPLIAR A  
COMPREENSÃO DO LEITOR

Monografia apresentada ao Departamento de  
Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito  
parcial para obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras.

NAYFA SENA KHALIL

A RELEVÂNCIA DA ILUSTRAÇÃO NA TRADUÇÃO: EM BUSCA DE AMPLIAR A  
COMPREENSÃO DO LEITOR

Aprovada em 25 de Dezembro de 2016

Monografia apresentada ao Departamento de  
Línguas Estrangeiras e Tradução como requisito  
parcial para obtenção do grau de Licenciatura em  
Letras.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Profa. Dra. Kyoko Sekino – Univesidade de Brasília (UnB)

---

Profa. Doutoranda Alice Tamie Joko – Universidade de Brasília (UnB)

---

Prof. Mestrando Valdeilton Lopes de Oliveira – Universidade de Brasília (UnB)



## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Kyoko Sekino, pela paciência, apoio, estímulo e conselhos recebidos durante todo o processo de construção deste.

À Profa. Dra. Tae Suzuki por ter me proporcionado a chance de conhecer a obra, a qual foi traduzida neste trabalho, e ter despertado em mim o interesse pela literatura.

A todos os meus professores que me ajudaram a crescer tanto emocionalmente como profissionalmente.

À minha amiga Solange Yumi Aoto que além de ouvir meus desabafos, me apoiou com críticas e conselhos durante a construção deste, me auxiliando também, a ajustar a tradução para ser mais agradável ao leitor.

À minha amiga Maíra Lopes D'ávila por ter me emprestado seu *notebook* em um momento de necessidade, permitindo a finalização deste trabalho.

À minha amiga Raquel Sabatovicz Paiva por ter me ensinado como construir um formulário virtual, permitindo a coleta de dados para a pesquisa.

À minha mãe, por ter me propiciado a oportunidade de estudos e ter auxiliado na divulgação da pesquisa deste trabalho.

A todos os meus amigos e familiares pelo apoio contínuo.

E por fim, a todos que disponibilizaram seu tempo para participarem da pesquisa, viabilizando a construção deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

.

## RESUMO

O presente trabalho investiga o efeito cognitivo produzido pela ilustração dentro do ambiente da tradução. O objetivo é identificar, se e como, esta afeta a compreensão de elementos culturais. O tema é justificado pela intraduzibilidade cultural em casos onde não há equivalência linguística. O intuito desta pesquisa é de contribuir para acrescentar alternativas para as formas como o tradutor transmite a cultura do outro. Esta tem natureza tanto quantitativa quanto qualitativa de modo a garantir dados fiéis. São 20 participantes ao todo, próximos do procurado para esta pesquisa, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário configurado pelo formulário virtual, de modo a permitir flexibilidade de tempo ao participante. Os dados sugerem que a ilustração é capaz de produzir efeitos cognitivos e reduzir o esforço para compreensão. Com a globalização do mundo, mesmo sem contato direto com a língua e com a cultura do outro, é possível adquirir conhecimento cultural acerca de outras culturas, assim, variando seu efeito de indivíduo para indivíduo.

**Palavras-chave:** Tradução. Teoria da Relevância. Ilustração. Cultura.

## **ABSTRACT**

The present work investigates the cognitive effect produced by illustration in translation. The purpose is to identify, if and how, illustration affects comprehension of cultural elements. The theme is justified by cultural untranslatability when there is no linguistic equivalence. This research aimed to contribute to add alternatives to the ways in which the translator conveys the culture of the other. This has qualitative and quantitative approach to ensure faithful data. There are 20 participants in all, close to sought for this research, the data collection instrument used was a questionnaire configured by the webform, to provide time flexibility to the participant. The data collected suggest that the illustration plays the role to produce cognitive effect and reduce efforts to comprehension. With the globalization of the world, even without direct contact with the language and culture of other, it is possible to acquire cultural knowledge about other cultures, thus cognitive effect varies from individual to individual.

**Keywords:** Translation. Relevance Theory. Illustration. Culture.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	1
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA .....	2
1.1.1	Objetivos gerais.....	2
1.1.2	Objetivos específicos.....	2
1.2	PERGUNTAS DA PESQUISA .....	2
1.3	AS CITAÇÕES .....	2
1.4	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO .....	2
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1	TEORIA DA RELEVÂNCIA.....	4
2.1.1	Inferência.....	5
2.2	A CULTURA DENTRO DA TRADUÇÃO.....	7
2.3	TEORIA DA RELEVÂNCIA APLICADA NA TRADUÇÃO.....	8
2.4	A IMAGEM, COGNIÇÃO E SEMIÓTICA.....	10
2.3.1	Ilustrações .....	12
3	MÉTODOS .....	15
3.1	MÉTODO DA PESQUISA.....	15
3.2	NATUREZA DA PESQUISA .....	15
3.2.1	Abordagem da pesquisa.....	15
3.3	CONTEXTO DA PESQUISA.....	16
3.3.1	Escolha do conto para a tradução .....	16
3.3.2	O autor do conto.....	16
3.3.3	O contexto do conto.....	17
3.3.4	As ilustrações .....	17
3.3.5	As escolhas dos momentos ilustrados.....	17
3.4	OS PARTICIPANTES .....	19
3.4.1	Idade .....	20
3.4.2	Sexo .....	20
3.4.3	Escolaridade.....	20
3.4.4	Contato direto com a cultura japonesa.....	21
3.4.5	Esteve no Japão.....	21
3.4.6	Morou no Japão.....	21
3.4.7	Estudo da Língua .....	22
3.5	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	22
3.6	DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS .....	22

4	RESULTADOS .....	23
4.1	RESULTADOS DA PESQUISA QUANTITATIVA.....	23
4.2	RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA .....	24
4.2.1	Efeitos cognitivos negativos.....	24
4.2.2	Efeitos cognitivos positivos.....	25
4.2.3	Respostas redundantes.....	31
4.2.4	Retorno por parte dos participantes.....	31
4.3	INCONGRUÊNCIAS NOS DADOS COLETADOS .....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
	REFERÊNCIAS .....	37
	LISTA DE APÊNDICE .....	40
	APÊNDICE A .....	41
	APÊNDICE B .....	59

## 1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa tem como objetivo buscar uma alternativa para intraduzibilidade causada pela ausência de equivalência de elementos culturais entre duas línguas, diminuindo assim, o esforço do leitor. Para alcançar este objetivo, a ilustração deverá ser capaz de produzir efeitos cognitivos positivos ao apresentar termos culturais desconhecidos.

As motivações para a iniciação deste trabalho, além do prévio interesse no trabalho da tradução, foram geradas no decorrer de leituras sobre a teoria da relevância desenvolvida por Sperber e Wilson (1986), entre outros textos (que abordavam temas da tradução como o de Gutt (1992)), criando questionamentos sobre formas de superar a intraduzibilidade linguística de termos culturais.

Com isso em mente, a alternativa colocada em prova através deste, foi a da utilização de ilustrações que alocassem a atenção do leitor para elementos culturais, os quais foram previamente escolhidos de acordo com as crenças da pesquisadora. Considerando o conto traduzido como parte do conhecimento prévio, com a visualização da imagem buscamos obter dos participantes o retorno de efeitos cognitivos quando, e se, a ilustração apresentar-lhes termos culturais cuja palavra referente antes era desconhecida e alheia de significado.

Neste trabalho a busca é pelo equilíbrio entre a redundância e informatividade da imagem presente no item 3 da escala de Kalverkamper (1993):

(1) a imagem é inferior ao texto e simplesmente o completa, sendo, portanto redundante. *Ilustrações* em livros preenchem ocasionalmente essa função, quando, por exemplo, existe o mesmo livro em uma outra edição sem ilustrações. (2) A imagem é superior ao texto e, portanto, o domina, já que ela é mais informativa do que ele. *Exemplificações* enciclopédicas são frequentemente deste tipo: sem a imagem, uma concepção do objeto é muito difícil de ser obtida. (3) Imagem e texto tem a mesma importância. A imagem é, nesse caso, integrada ao texto. A relação texto imagem se encontra aqui entre redundância e informatividade. (KALVERKAMPER, 1993: 207 apud NOTH; SANTAELLA, 2015, p. 56)

Na área de tradução, as pesquisas têm se desenvolvido muito nas últimas décadas, no entanto, carecem de estudos sobre a ligação da língua ao meio visual e o efeito cognitivo produzido por seu uso colaborativo. “Para a história literária, os estudos de caso de tradução já estão se revelando um valioso recurso, mostrando como a ideologia cultural influencia diretamente decisões literárias específicas.” (GENTZLER, 2009, p. 24)

## **1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **1.1.1 Objetivos gerais**

Observar se o uso de ilustrações em traduções ajuda a melhorar a compreensão de aspectos culturais desconhecidos por parte do leitor.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

Os seguintes objetivos específicos foram propostos na pesquisa:

- a) Identificar se as ilustrações produziram efeito cognitivo positivo.
- b) Identificar se, ao compreender melhor a obra, esta se deve pela presença da ilustração de alguns elementos culturais desconhecidos, ou não.
- c) Verificar se os dados numéricos estão de acordo com as respostas apresentadas pelos participantes.

## **1.2 PERGUNTAS DA PESQUISA**

A partir dos objetivos propostos acima, buscamos responder as seguintes perguntas referentes à pesquisa:

- a) Os participantes demonstraram efeitos cognitivos quanto às ilustrações?
- b) Caso tenham ocorrido efeitos cognitivos, foram produzidos por causa dos aspectos culturais desconhecidos ou por outros fatores?
- c) As ilustrações ajudaram a diminuir o esforço para compreensão do conto traduzido?
- d) O que os participantes afirmam ocorrer está de acordo com o que realmente foi apresentado por eles?

## **1.3 AS CITAÇÕES**

Na nota de rodapé foram acrescentadas as citações originais as quais foram traduzidas pela própria pesquisadora. Ao utilizar a tradução de outro autor, mantivemos seu nome entre colchetes.

## **1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

O presente trabalho está dividido em cinco partes a fim de organizar o processo de construção da pesquisa até a conclusão chegada, de modo a satisfazer as perguntas

apresentadas em 1.2. Estas partes são: introdução; revisão de literatura; métodos; resultados; considerações finais.

No capítulo teórico serão apresentadas as teorias utilizadas para dar base a esta pesquisa, sendo elas: a Teoria da Relevância; a visão da cultura dentro da tradução e a percepção cognitiva e semiótica da imagem.

No capítulo de métodos, poderão ser observadas as etapas da construção da pesquisa: método; natureza; abordagem; contexto; participantes; instrumento de coleta de dados.

No capítulo resultados, serão apresentados resultados da análise dos dados coletados por meio da pesquisa previamente apresentada no capítulo métodos, de modo a alcançar as respostas para as perguntas da pesquisa.

No capítulo considerações finais, responderemos as perguntas da pesquisa com base nos dados analisados no capítulo resultados, com o intuito de dar uma conclusão a esta.



## 2 REVISÃO DE LITERATURA

No presente capítulo, será apresentada uma breve revisão de literatura, a qual ajudou a construir nosso embasamento teórico da presente pesquisa. A Teoria da Relevância é uma teoria pragmática primeiramente apresentada por Sperber e Wilson (1986), sendo a teoria base do nosso trabalho. A partir dessa teoria, desenvolvemos a revisão de literatura, abordando a visão da cultura dentro da tradução e a percepção cognitiva e semiótica da imagem.

### 2.1 TEORIA DA RELEVÂNCIA

No capítulo de Pragmática do *website* de *Stanford Enciclopédia de Filosofia*, visualizamos o seguinte exemplo de Voltaire;

*When a diplomat says yes, he means 'perhaps';  
When he says perhaps, he means 'no';  
When he says no, he is not a diplomat.  
—Voltaire (Quoted, in Spanish, in Escandell 1993.)*

Através desse trecho faz com que percebamos que enunciados, geralmente, envolvem mais do que o que é comunicado literalmente. A Pragmática é, em grosso modo, um campo disciplinar que se preocupa com a relação entre o significado das palavras, o significado exprimido pelos falantes com o uso dessas palavras e as circunstâncias particulares desses enunciados, sejam elas: as intenções, as ações, ou, sobretudo, a mensagem ou conteúdo da comunicação.

Nos estudos clássicos da Pragmática, temos o modelo inferencial de comunicação que a primórdio havia sido desenvolvido por Grice (1957, 1967). Nele uma das afirmações centrais é de que um fator essencial para a maior parte da comunicação, seja verbal ou não, é expressar e reconhecer intenções. Segundo Rauen (2003), este modelo sustenta que durante a comunicação há uma fenda, a qual, não pode ser explicada pela estrutura de canal<sup>1</sup>, já que esta, durante o processo de interpretação, é preenchida por mecanismos de inferência.

Com o desenvolvimento dos estudos da pragmática, seguindo a linha inferencial de Grice, Sperber e Wilson (1986) apresentaram sua tese conhecida como “Teoria da Relevância”. Para eles, na comunicação verbal, os enunciados exprimidos entre locutores envolvem informações indiretamente codificadas com o uso de, por exemplo, indexais: os

<sup>1</sup> Segundo Rauen (2003) a metáfora do Canal aponta que a língua é um código e a comunicação é transmitida por meio desse código. Comunicar é nesse sentido, mandar um pacote de ideias para ser desempacotado pelo receptor.

locutores entendem o que representa: “eu”, “ontem”, “aqui”, dentre outros, quando estes são manifestados de forma implícita. Segundo Sperber e Wilson, o cérebro humano sempre busca economia em termos de esforço cognitivo. Assim, em vez de exprimir “no dia 28 de julho de 2016 às 14 horas e 30 minutos ...”, os locutores que compartilham uma mesma referência, usariam “ontem” ou “naquele dia” etc. justamente para o efeito econômico em consequência da busca de menor esforço cognitivo. Através dessas observações, Sperber e Wilson apresentam o Princípio Cognitivo da Relevância: A cognição humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância<sup>2</sup>. Retomando o exemplo anterior, enquanto esses indexicais são relativamente dependentes de um contexto específico envolvido na comunicação, eles são suficientes para compreensão. Consequentemente, essa compreensão do interlocutor a partir das pistas providenciadas pelo falante é entendida como “alcançar a relevância”. Em outras palavras, de acordo com Rauen (2003, p. 543), a teoria da relevância apresenta uma alternativa para as teorias exclusivas de decodificação e de inferência como explicação dos mecanismos de processamento e compreensão. Ela demanda uma abordagem empírica da cognição humana, implicando uma operação primitiva existente na criação de enunciados, construção de contextos cognitivos e, consequentemente, na compreensão, sendo a relevância uma função obtida a partir de um equilíbrio entre efeitos cognitivos e esforços de processamento.

De acordo com Sperber e Wilson (2005, p. 223-224), uma forma de buscar efeitos cognitivos na comunicação é através de um *input*, seja este, uma visão, um som, um enunciado, uma memória, etc., que se torna relevante para um indivíduo quando se conecta ao conhecimento prévio dele. O mais importante tipo de efeito cognitivo gerado pelo processamento de um *input* em um contexto é uma implicação contextual, uma conclusão dedutível através do *input* e do contexto juntos, mas nunca isolados, causando o fortalecimento ou enfraquecimento de suposições, ou eliminando suposições contraditórias. Vale ressaltar que essas são operações mentais que ocorrem durante uma comunicação, isto é, troca de enunciados. O *input* é relevante para um indivíduo, quando e apenas quando, seu processamento produz tais efeitos cognitivos positivos. Sendo estes efeitos, por sua vez, uma conclusão verdadeira que tem valor na representação de mundo do indivíduo. Conclusões falsas, apesar de serem efeitos cognitivos, não auxiliam o indivíduo, aumentando o esforço necessário para a aquisição de suposições verdadeiras que poderiam ser inclusas em sua estrutura cognitiva.

### 2.1.1 Inferência

---

<sup>2</sup> (original) *Human cognition tends to be geared to the maximization of relevance*

O modelo inferencial de Grice, introduzido na seção anterior, acreditava que o emissor da comunicação ia além de apenas codificar uma mensagem em um sinal, o qual é decodificado pelo receptor utilizando cópias idênticas desses códigos. De acordo com Sperber e Wilson (1986), há um número limitado de códigos, embora tenhamos muito a expressar. O ser humano usa códigos mais próximos de um conceito ao qual deseja exibir, contando com que o receptor use de inferências para completar a mensagem, tornando possível a compreensão. Em resumo, o emissor da mensagem apenas codifica pistas com fins econômicos cognitivos e o receptor, por sua vez, infere a mensagem por meio dessas pistas providenciadas na forma de códigos. No entanto, para a inferência, o receptor opera de forma cognitiva buscando o contexto do enunciado fornecido pelo emissor, inclusive, considera todas as informações extralinguísticas do momento da transmissão, para inferir a mensagem. Essas informações extralinguísticas envolvem não apenas alguns fatores diretamente envolvidos no teor da mensagem, mas também, dentre outros, o clima e o tom da voz do emissor.

Usando um exemplo de Sperber e Wilson (1986, p.34), há enunciados como:

*Peter: Do you want some coffee?  
Mary: Coffee would keep me awake.*

Nesse exemplo, Mary, a receptora, poderia ter dado uma resposta, apenas dizendo “Sim” ou “Não”. Mas, embora sua resposta não seja aquela que diretamente responda ao emissor, este a compreende pelo uso da inferência. Nesse quesito Sperber e Wilson sustentam a contribuição do modelo inferencial de Grice (1957, 1967), no qual é esperado que os receptores façam quaisquer suposições necessárias e adicionais. Entendendo esse mecanismo, podemos resumir que a inferência na Teoria da Relevância é um componente necessário ao receptor para o sucesso da comunicação, cabendo a este resgatar a intenção do emissor na comunicação que providencia os códigos mais econômicos necessários. Em outras palavras, cabe aos participantes da comunicação fornecerem os melhores códigos para que a ocorrência da inferência seja facilitada. Enfim, a meta da comunicação é que todos atinjam a relevância. Portanto, “a afirmação central da Teoria da Relevância é que as expectativas de relevância geradas por um enunciado são precisas o suficiente, e previsíveis o suficiente, para nortear o receptor ao rumo do significado do falante<sup>3</sup>” (SPERBER; WILSON, 2002, p. 250).

---

<sup>3</sup> (original) *The central claim of relevance theory is that the expectations of relevance raised by an utterance are precise enough, and predictable enough, to guide the hearer towards the speaker's meaning.*

No que diz respeito aos códigos assumirem o papel de facilitador do sucesso da comunicação, no âmbito da Teoria da Relevância, denomina-se o termo “estímulo ostensivo”. Enquanto os estímulos ostensivos criam expectativas da relevância de acordo com o Princípio Cognitivo de Relevância, estes são projetados para chamar a atenção do receptor. Como a tendência da cognição humana é maximizar a relevância, naturalmente o receptor foca sua atenção somente para um *input* potencialmente relevante. Nos termos de Sperber e Wilson, “todo estímulo ostensivo comunica a presunção de sua própria relevância ótima” (2005, p. 229).

Rauen (2003), por sua vez, explica que é necessário o esforço cognitivo de processamento para a derivação de efeitos cognitivos e contextuais. Nesse processamento, “dois fatores são determinantes: a complexidade linguística e a acessibilidade do contexto” (RAUEN, 2003, p. 543). Sabendo-se que somente o *input* mais relevante será processado de modo a maximizar sua relevância, o emissor também pode “produzir estímulos que provavelmente atraiam sua [do receptor] atenção, ativem um apropriado conjunto de suposições contextuais e apontem na direção de uma conclusão pretendida.” (SPERBER; WILSON, 2005, p. 228)

## 2.2 A CULTURA DENTRO DA TRADUÇÃO

Catford (1965) é o teórico que utilizou, primeiramente, o termo “equivalência textual”, no qual, trata-se de equivalência de “uma porção do texto” entre texto fonte e texto alvo, diferente da análise linguística que o teórico desenvolvia em mudança de tradução (*translation shift*) com perspectiva linguística. O autor define a mudança de tradução, sendo a tradução essa substituição de material linguístico equivalente de uma língua para outra. No entanto, na comparação textual entre texto fonte e texto alvo, identificou que existem instancias de equivalência não no nível textual, sugerindo assim, que essa equivalência ocorre no nível trans-classe gramatical, portanto, contextual.

Vinay e Darbelnet (1995) reforçam, inicialmente, a visão de Catford, que a equivalência se encontra no dicionário bilíngue. No entanto, perceberam que o dicionário é incapaz de exaurir todas as expressões que aparecem em qualquer discurso e que a necessidade de criar equivalências surge em cada situação. Semelhante à visão de Vinay e Darbelner, House (2015), por sua vez, baseada na linguística sistêmico-funcional, sustenta a equivalência de tradução em termos semântico e pragmático. Seu argumento principal é o papel funcional do texto fonte que determina as dimensões situacionais deste, as quais são identificadas como diferentes no texto alvo. A autora ressalta a percepção do tradutor se ele considera a função situacional do texto fonte para veiculá-la no texto alvo. Ressalta-se, nesse ponto, que os pesquisadores da tradução começaram a

considerar o envolvimento do ato tradutório, em vez de apenas o produto. Em outras palavras, o traduzir pode ser um ato múltiplo-dimensional com o envolvimento situacional, cultural e social, não se restringindo em apenas a transferência linguística. Nessa mesma linha, Agra (2007) questiona o uso de dicionários bilíngues para o trabalho de tradução e justifica sua pouca utilidade pelo fato da significação da palavra ter pouca relevância dentro do ambiente de tradução, onde um texto envolve: conhecimentos, cenários e culturas, os quais só podem ser transmitidos ao ultrapassar os limites da semântica, utilizando-se de diferentes modos que o levem à significação da cultura do outro.

Sapir (1957) e Whorf (1956) afirmam que nenhuma língua pode existir sem estar enraizada em uma cultura e não existe cultura que não possua como parte de sua essência a estrutura de língua. Bassnett (1991) trata essa interação como um organismo onde a língua é o coração dentro do corpo que é a cultura e é a interação delas que as mantém vivas. Por isso, se um tradutor trabalhar qualquer uma das duas separadamente estará colocando seu texto em perigo. A visão da cultura na tradução de Bassnett e Trivedi (1992) é apresentada como um processo contínuo e intercultural, altamente manipulável, que transfere todos os elementos de fase através de limites linguísticos e culturais. Uma vez que a atividade de traduzir não é inocente ou transparente, sendo rara, ou inexistente, uma relação de igualdade entre textos, autores ou sistemas.

Tratando a cultura como uma variável individual, García (1996), menciona a teoria dos esquemas mentais na qual os conhecimentos prévios e o contexto de um indivíduo estão ligados à sua própria cultura e, o alcance da compreensão e produção linguística de certos conceitos e situações são dependentes destes. Sendo assim, ao não encontrarmos equivalentes para a cultura do outro nos deparamos com problemas de intraduzibilidade. Sapir (1957) e Whorf (1956) afirmam que a realidade não é a mesma para todos e que esta está conectada à língua que se fala. Quando conhecemos uma língua, obtemos junto a esta uma nova visão da realidade. Em outras palavras, como o conhecimento da língua e das circunstâncias e modos pelos quais as pessoas interagem com ela não possuem um padrão, apesar de duas pessoas possuírem uma mesma língua materna, suas compreensões culturais podem demonstrar variações, da mesma forma que línguas distintas as apresentam.

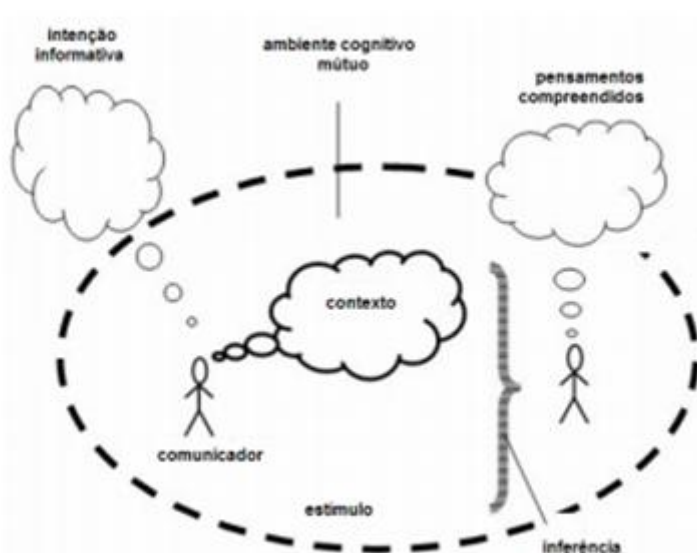
### **2.3 TEORIA DA RELEVÂNCIA APLICADA NA TRADUÇÃO**

Gutt (1991) argumenta que não há um consenso para o termo “equivalência” entre os teóricos da tradução e, além disso, há limitações em várias teorias que se fundamentam em conceitos de fidelidade, equivalência ou funcionalidade. Os teóricos não apresentavam um conceito pragmático cognitivo que defina e explique os fenômenos

tradutórios (processos mentais ocorrentes no momento da tradução), os quais os conceitos linguístico e funcional não cobrem. Com a mudança de foco para uma abordagem processual tornou-se possível prosseguir na busca por abordagens que investigassem o aspecto cognitivo do processo de tradução.

Gutt desenvolveu o conceito de semelhança interpretativa para a tradução, com base na noção de uso interpretativo de representações para a comunicação ostensivo-inferencial, o qual facilitou a viabilidade da investigação cognitiva-processual como foram apresentadas por Alves (1995, 1997, 2003, 2005), Gonçalves (2003, 2005) e Alves e Gonçalves (2003, 2007, 2013). Gutt defende que o uso interpretativo gera uma semelhança entre formas proposicionais distintas que tenham propriedades lógicas em comum. Sendo assim, nas representações mentais, as formas proposicionais compartilham propriedades, assemelhando-se por conta dessas propriedades lógicas compartilhadas. A noção de semelhança interpretativa é independente da forma linguística dos textos (estímulos ostensivos) terem, ou não, uma forma proposicional, mas, é dependente do contexto, pois as explicaturas (léxico, sintático, semântico) e/ou implicaturas (suposições) estão veiculadas a esse.

Ilustração 1: Semelhança Interpretativa



Fonte: GUTT, 2004, p. 79 (tradução de CARVALHO NETO, 2010)

A fim de alcançar um efeito contextual, isto é, causar alterações no processo cognitivo do receptor a partir da interação entre informações novas e velhas, a tradução precisa ser expressa através de unidades de tradução de modo que o texto de chegada esteja veiculado com as explicaturas e implicaturas do texto de partida. Sendo assim, as decisões dos tradutores sofrem influência direta de informações contextuais que se configuram com base em seus processos de cunho pragmático e sócio-interacionista.

Entendendo que os processos cognitivos dos tradutores são direcionados de duas interfaces que auxiliam no processo de tomada de decisões e soluções de problemas: linguisticamente, codificação/decodificação e, contextualmente, restrições pragmáticas culturalmente marcadas. “A significação linguística é corporificada; ela emerge de nossas capacidades biológicas e de nossas experiências físicas e sócio-culturais como seres atuando em nosso meio ambiente.” (MARMARIDOU, 2000, p.4 apud GONÇALVES, 2005, p. 139) “Desse modo, se houver uma interpretação indesejada por parte do receptor, isso deve ter ocorrido devido à “falta de uma peça”, a qual pode ser contextual, falha (do emissor) na estimação do conhecimento do receptor, falha na escolha de algum elemento linguístico, dentre outros.” (SPERBER; WILSON, 1986) A escolha adequada irá assegurar, assim, o entendimento que o autor do texto pretende.

## **2.4 A IMAGEM, COGNIÇÃO E SEMIÓTICA.**

Noth e Santaella (2015) introduzem a importância da imagem para o desenvolvimento da cultura: o ser humano tornou-se capaz de registrá-la desde quando ainda vivia em cavernas, por meio do traço. Tratando-se da expressão da cultura humana, as imagens são a forma mais antiga, servindo para fins práticos e, manifestando-se com função puramente sógnica. A semiótica, na era da semiologia dos anos 1960, começou a se voltar não apenas para fenômenos linguísticos, mas também para as imagens. Primeiramente, a partir de imagens que aparentam não ser capazes de existir sem estarem acompanhadas de um texto, ou com base em modelos logocêntricos que postulam, frequentemente, uma linguagem da imagem com estruturas semelhantes às da linguagem natural verbal. Santaella (1988) afirma em sua tese que a função referencial representativa das figuras não é em primeiro lugar uma função icônica, mas indexical, além de pressupor que imagens podem, em geral, ser tanto ícones e índices, assim como símbolos. O signo é determinado na sua qualidade sógnica, primeiramente, por seu objeto e, por estar ligado “existencialmente” ao objeto, sua segunda relação é temporal, espacial ou causal, dirigindo a atenção do receptor a esta reflexão interpretativa do veículo do signo para o objeto.

Milman (1998) menciona a tese empirista central na qual os símbolos podem possuir propriedades semânticas, pois possuem conexões externas ligadas ao mundo. Os conteúdos da mente são imagens, os pensamentos são constituídos de operações associativas que produzem representações complexas e as propriedades semânticas destas representações são derivadas de outras que são mais simples e de regras associativas que comandam a junção. Ideias simples, segundo Locke (1978), devem ser captadas pelas impressões que o próprio objeto causa em nossa mente, pelas entradas

próprias indicadas para cada tipo. Se não se der desse modo, as palavras não ocasionarão em nós a ideia de seus significados. A relação entre símbolo e o objeto ao qual se refere, segundo Noth e Santaella (2015), ocorre através de uma mediação, de modo que o símbolo é interpretado como se referindo àquele objeto. Peirce (1931, 58) afirma que qualquer palavra é um símbolo e este é aplicável a tudo que possa concretizar sua ideia: sozinho não é capaz de identificar as coisas as quais se refere, mas supõe que somos capazes de visualizá-las ao associá-las à palavra.

Para Locke (1978), consideramos que conhecemos as coisas pelas ideias que temos dessas, mas este conhecimento só se torna real, se ele se comprovar. Além disso, nossos sentidos, fontes de ideias, primeiro, familiarizados com objetos sensíveis particulares, carregam para a mente tipos diferentes e variados de percepções, após isto, estes objetos impressionam a mente por diversos meios. Milman (1998) completa que essa conexão sensorial estabelecida às qualidades dos objetos exteriores em função de uma conexão sensorial se estabelece em nível perceptual, correspondência que se estabelece a partir da ação dos objetos sobre nossa recepção de informação sensorial. Hume (1989) postula que há três princípios de conexões entre ideias: a semelhança, que ocorre quando nos conduz da representação para o real, a contiguidade espaço-temporal, na qual associamos um espaço a um tempo diferente ou um tempo diferente a um espaço, e a causalidade, onde a imagem desperta um efeito ligado aos nossos sentidos.

Quanto à ligação da imagem à linguagem, Noth e Santaella afirmam que: “O código verbal não pode se desenvolver sem imagens” (2015, p. 14). Barthes (1964) menciona que imagens não alcançam significado de forma autônima, pois, sistemas semiológicos possuem sua própria mistura linguística. Existe, dentro desses, um elemento visual, no qual seu significado é confirmado pelo sua duplicidade com uma mensagem icônica, redundante ou aproveitada de um sistema linguístico. De acordo com Marin (1971), aparentemente há uma fenda entre o objeto visual e sua articulação verbal. O autor afirma que o significado só pode existir por verbalização, por isso, que a articulação da imagem só é possível pelo discurso verbal que constitui seu significado. Noth e Santaella (2015) completam que essa relação da imagem com seu contexto verbal é íntima e variada, sendo que a imagem pode ilustrar um texto ou o texto pode esclarecer a imagem que sozinha não é totalmente entendida. Em alguns casos, a imagem reafirma até seu próprio comentário. Além disso, existem aspectos que diferem o modo com o qual reagimos à linguagem e à imagem, segundo a pesquisa de Janney e Arndt (1994) sobre a eficiência específica da imagem em comparação a linguagem. Imagens atuam mais fortemente de maneira afetiva-relacional, enquanto a linguagem apresenta efeitos cognitivos-conceituais mais fortes. Weidenmann (1988) defende que as



imagens estimulam a atenção e a motivação, as quais apresentam informação espacial de forma mais apropriada e facilitam, de certa forma, alguns processos de aprendizagem. Reimund (1993) por sua vez, sustenta que a eficiência emocional das imagens aumenta de acordo com sua semelhança à sua representação real.

Outra diferença, de acordo com Aumont (1993), é que na linguagem existe uma ordem determinada para sua compreensão, já na imagem, buscamos as partes mais providas de informação através de fixações sucessivas que duram décimos de segundos. Wittgenstein (1953), também afirma que, apesar de não existir um dicionário para a leitura e tradução de imagens, do mesmo modo que a linguagem, estas apresentam inseridos nelas vários elementos que podemos inferir através da sua relação com o contexto apresentado.

Consideremos uma imagem representando um boxeador em posição de luta. Esta imagem pode agora ser utilizada para a finalidade de explicar a alguém como ele deve ficar de pé, se posicionar, ou como ele não deve se posicionar; ou como um determinado homem esteve aqui e ali; ou etc. etc. Poderíamos classificar essa imagem (quimicamente falando) como radical frasal. (WITTGENSTEIN, 1953: §22 apud NOTH; SANTAELLA, 2015, p. 55)

Wittgenstein (1953) acrescenta que apesar das frases serem como as imagens, mensagens abertas, já que, podem ser usadas para os mais variados atos linguísticos, afirmações, declarações, interrogações, etc., a modificação da imagem pelo contexto se mostra apenas como um caso do fenômeno semiótico geral da dependência contextual de qualquer mensagem.

### **2.3.1 Ilustrações**

Schapiro (1973) classifica ilustrações em textos como ou reduções extremas de um conto complexo ou uma extensão do texto, através das quais, detalhes, figuras e um contexto situacional que não é apresentado no texto são acrescentados. Segundo Molitor (1989) a equivalência entre texto e imagem é descrita como complementar e Spillner (1982) está de acordo com Molitor afirmando que a vantagem nessa complementaridade entre os dois é mais observada quando o conteúdo destes utiliza os variados potenciais de expressão semiótica de ambas as mídias. Bardin (1975) diz que no caso da disposição lado a lado da imagem e texto, não se trata simplesmente de uma adição de duas mensagens informativas diferentes, mas uma nova interpretação holística pode

surgir dessa. Para Barthes (1964), o texto guia o leitor através dos significados da imagem levando-o a considerar uns e ignorar outros, enquanto a imagem guia o leitor para um significado previamente escolhido.

### **2.3.1.1 A cultura na ilustração**

Segundo Pereira (2008), a presença de diferentes tipos de imagens é um reflexo de determinados contextos históricos e possui peculiaridades culturais, verificado não apenas nos fatores estéticos, tendo em vista que a pintura simbólica, dentre os signos visuais, segundo Noth e Santaella (2015), é a mais antiga manifestação cultural.

Muitas destas imagens de manifestações culturais só são compreendidas por indivíduos que conheçam seus contextos históricos com profundidade como Goldwasser (1995) ao descrever a paleta de Narmer (ca. 3000 a.C.):

No seu registro central, o rei, seguido por um homem calçado com sandálias, golpeia um inimigo asiático: sobre a cabeça do inimigo, ainda no mesmo registro, a cena é estranhamente repetida, o rei agora aparecendo como um falcão subjulgando caules de papiro com cabeça humana. Abaixo do registro central, sob as pernas do rei, aparecem dois inimigos mortos numa posição “flutuante” e a típica apresentação do morto. (GOLDWASSER, 1995: 5 apud NOTH; SANTAELLA, 2015, p. 155)

O Entendimento das correspondências entre os elementos imagéticos e significados, como “figura central” e “rei Narmer”, “falcão” e “rei” ou “figuras flutuantes” e “inimigos mortos”, implica um conhecimento especial das convenções culturais que deve ser primeiro decifradas. (NOTH; SANTAELLA, 2015, p.156).

Ilustração 2: A paleta de Narmer, c 3000a. C



Fonte: NOTH; SANTAELLA (2015, p. 156)

Bosi (2003) diz que os psicólogos são unânimes ao dizerem que a maioria das informações que o ser humano recebe vem de imagens. Sendo o ser humano moderno, essencialmente visual, não se pode isolá-lo assim, de sua relação com a cultura de um mundo globalizado em que imagens fotográficas, cinematográficas, televisivas, dentre outras, são produzidas pelas mídias todos os dias de modo a influenciar nossos processos cognitivos.

### **3 MÉTODOS**

No presente capítulo será abordado a natureza e o método da nossa pesquisa, relatando seu contexto e o processo de sua criação, escolha e perfil dos participantes, instrumentos da pesquisa e, por fim, o processo de coleta de dados.

#### **3.1 MÉTODO DA PESQUISA**

O método para a pesquisa foi tanto a pesquisa quantitativa, quanto a pesquisa qualitativa, podendo além de colher os dados interpretativos, visualizar se os dados da pesquisa quantitativa estavam de acordo com os objetivos da pesquisa e, através da pesquisa qualitativa, determinar se o objetivo de comunicar os elementos culturais através da ilustração foi alcançado ou se foi desviado, causando a consideração da relevância por outros elementos, no caso de sua existência.

Sabendo que, segundo Córdova e Silveira (2009, p. 31-33), a preocupação da pesquisa qualitativa está no aprofundamento da compreensão de um grupo social, os pesquisadores desta área recusam o modelo positivista: o pesquisador não pode fazer julgamentos ou permitir que seus preconceitos e crenças afetem a pesquisa. A pesquisa quantitativa, por sua vez, toma as amostras como representações populacionais com o objetivo de construir um retrato real do ocorrido. Influenciada pelo positivismo, acredita que a realidade só pode ser analisada com base em dados brutos recolhidos por instrumentos padronizados e neutros. A utilização dos dois métodos de pesquisa em conjunto, possibilita recolher mais informações.

#### **3.2 NATUREZA DA PESQUISA**

Foi adotada a pesquisa exploratória, na qual o problema foi desenvolvido pelo pesquisador com o propósito de fazer com que os participantes obtivessem uma experiência prática através deste, e conseguissem responder as perguntas da pesquisa com base nessa experiência. O objetivo desta experiência é aproximar o participante do problema, tornando-o explícito e aumentando sua familiaridade com este.

##### **3.2.1 Abordagem da pesquisa**

A abordagem escolhida foi de uma pesquisa experimental com base em uma pesquisa bibliográfica, sendo que a pesquisa bibliográfica já foi previamente apresentada no segundo capítulo deste trabalho.

Segundo Córdova e Silveira (2009, p. 36-37), a pesquisa bibliográfica exige um levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas, que são exigidas em qualquer trabalho científico, enquanto a pesquisa experimental busca determinar as variáveis que seriam capazes de influenciar um objeto de pesquisa. O pesquisador precisa determinar formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz.

Tendo ciência que, segundo Ausubel (2003) e Tavares (2004), conhecimento prévio é definido como sendo um processo mutável, no qual já existe uma estrutura cognitiva no indivíduo em questão e esta interage com um conhecimento novo. A partir deste são modificados, tanto a estrutura já existente, quanto o novo conhecimento incorporado a esta, pois, se influenciam mutuamente durante a experiência de aprender significativamente.

Definimos para este trabalho a variável como sendo o efeito cognitivo que a ilustração causa aos participantes (objetos da pesquisa). Verificou-se através da interação da informação visual proporcionada pela imagem com o conhecimento prévio, podendo considerar o próprio conto como parte deste, se houve o fortalecimento, enfraquecimento ou eliminação de suposições.

### **3.3 CONTEXTO DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada em nível virtual. Após a criação de um formulário, este foi enviado para 40 pessoas com nível baixo/inexistente de conhecimento sobre a língua japonesa, recebendo o retorno por parte de 21 destas pessoas durante o período de uma semana (do dia 17/09/2016 ao dia 23/09/2016). Dentre estas 21 pessoas, eliminamos 1 dos participantes por questões que serão explicadas no capítulo seguinte.

#### **3.3.1 Escolha do conto para a tradução**

A escolha da tradução teve base em experiências pessoais por já termos tido a oportunidade de familiarização com a obra durante a disciplina Literatura Japonesa 4 e acreditarmos que por possuir riqueza de detalhes, esta seria ideal, pois, tem a capacidade de propiciar uma imagem mental próxima de uma imagem visual tornando-a um *input* equivalente à ilustração criada. E não menos importante que este fato, há essa riqueza de aspectos culturais para serem trabalhados de modo a transformar o primeiro *input*, que seria o texto traduzido, em conhecimento prévio para o segundo *input* que a ilustração busca obter, não causando assim, esforço desnecessário e redundante.

#### **3.3.2 O autor do conto**

O conto é de autoria de Ōe Kenzaburō que nasceu em 1935, no vilarejo de Ose. Ele começou a publicar suas obras enquanto ainda estudava literatura francesa na universidade de Tóquio, recebeu o prêmio *Akutagawa* pela obra *Shiiku* em 1958. Suas publicações são compostas de contos e ensaios políticos. Em 1967, ganhou o prêmio *Tanizaki*, e em 1994, o prêmio Nobel de Literatura.

### 3.3.3 O contexto do conto

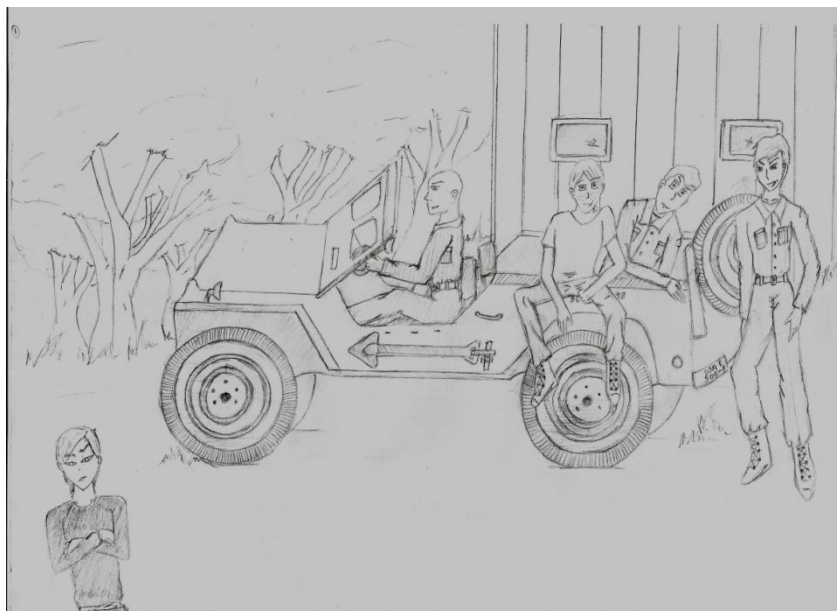
Na obra escolhida para este trabalho (*Fui no Oshi*), publicada em 1953 no livro *Miru mae ni Tobe* (Pule antes de olhar), junto com outros contos, somos capazes de visualizar o desprezo do autor pela autoridade e dar uma espiada de como era a sensação de estar em um Japão pós Segunda Guerra Mundial no período da ocupação americana. O choque cultural e a dificuldade de comunicação entre dois povos de línguas diferentes podem ser observados no decorrer da história.

### 3.3.4 As ilustrações

As ilustrações foram todas desenhadas com base em pesquisas históricas e geográficas do período em questão ao qual o conto fazia referência, com o objetivo de ser o mais fiel possível à obra, sendo fiel também à arquitetura e à estação do ano na qual a história do conto se desenvolve.

### 3.3.5 As escolhas dos momentos ilustrados

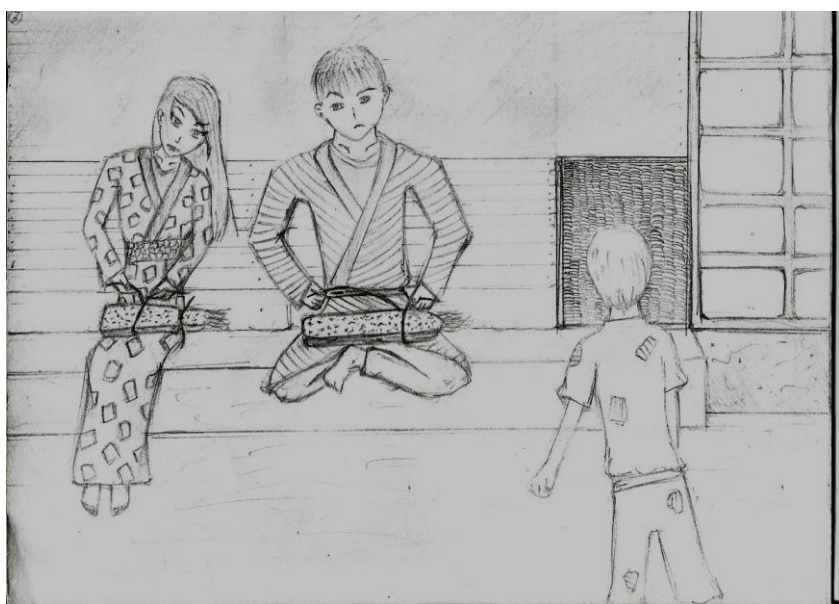
A ilustração 1 (um) foi criada com objetivo de demonstrar as características dos soldados, o posto escolar e o cenário.



A ilustração 2 (dois) foi criada com o objetivo de demonstrar a bomba d'água e o cenário.



A ilustração 3 (três) foi criada com o objetivo de demonstrar o interior das casas, as roupas dos membros do vilarejo e o trabalho de amarrar cascas de bambu em pequenos feixes.

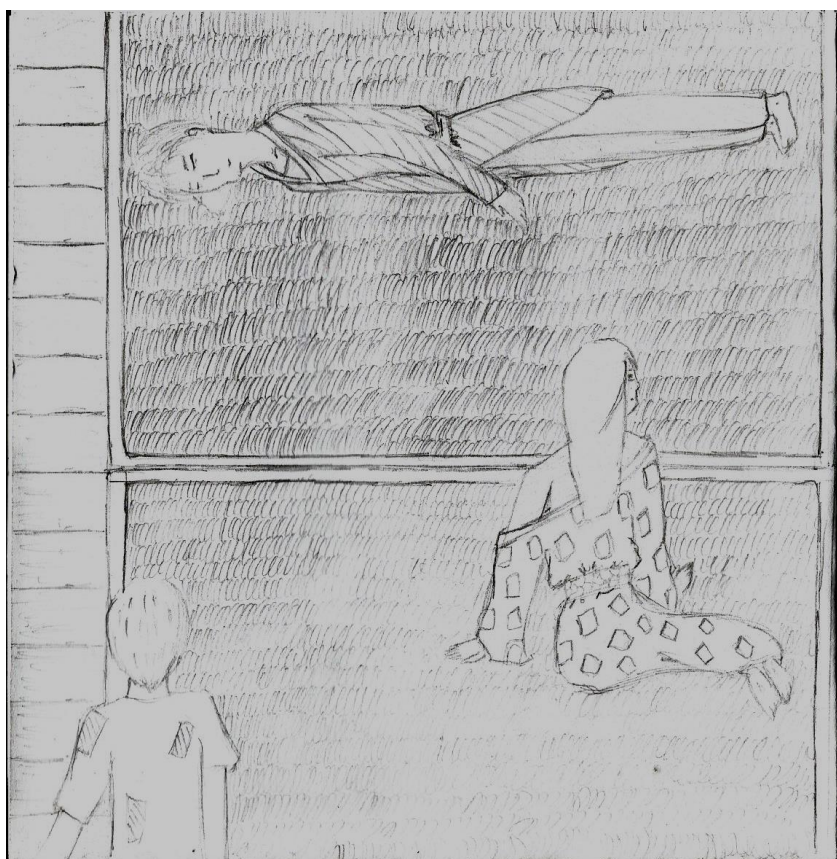


A ilustração 4 (quatro) foi criada com o objetivo de demonstrar a vegetação específica e as roupas dos membros do vilarejo.





A ilustração 5 (cinco) foi criada com o objetivo de mostrar o tapete de junco.



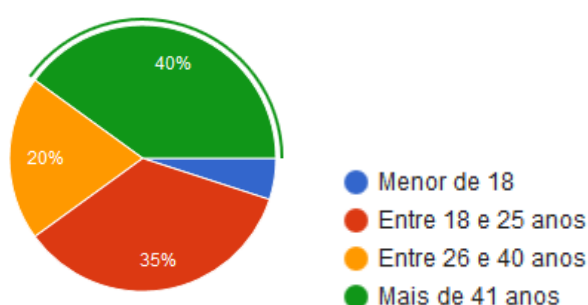
### 3.4 OS PARTICIPANTES



Vinte e uma pessoas anônimas e randomizadas participaram da pesquisa, de diferentes idades, sexos e escolaridade, no entanto, apenas vinte foram consideradas adequadas para a pesquisa. Nos próximos subtópicos serão apresentados os dados gerais destas.

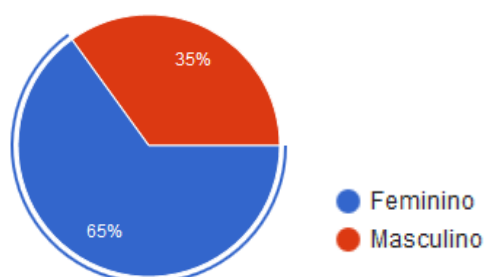
### 3.4.1 Idade

A pesquisa abrangeu uma grande variedade de idades, desde menores de 18 anos a pessoas com mais de 41 anos. A maior parte destas com idade superior a 41 anos.



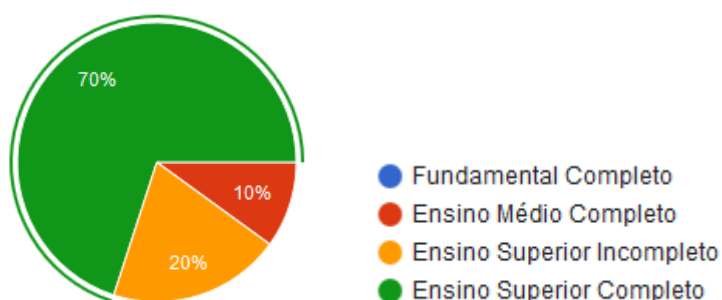
### 3.4.2 Sexo

A pesquisa também abrangeu os dois sexos, sendo sua maioria do sexo feminino.



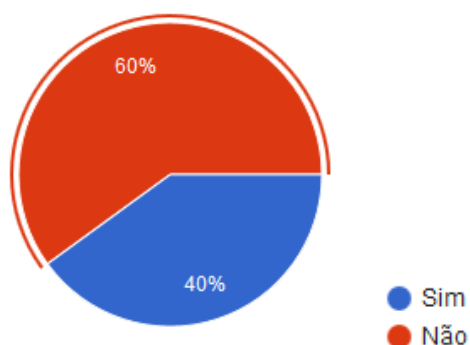
### 3.4.3 Escolaridade

Todos os participantes possuíam ensino médio completo, sendo que a maioria possuía ensino superior completo.



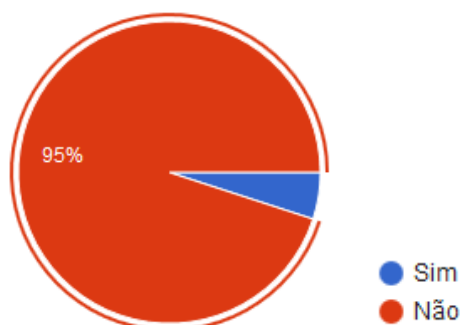
### 3.4.4 Contato direto com a cultura japonesa

Alguns dos participantes afirmam ter tido contato direto com a cultura japonesa, no entanto, apenas um dos participantes como será visível abaixo, já esteve no Japão e outros quatro, tiveram curto estudo da língua. Não sabemos aqui, o que os outros participantes em questão consideraram como contado direto.



### 3.4.5 Esteve no Japão

Apenas um dos participantes afirma ter estado no Japão, no entanto, como este não efetuou marcação no estudo da língua e não apresentou grande divergência com os dados de outros participantes durante o resultado da coleta de dados para a pesquisa, decidimos considerar seus dados.



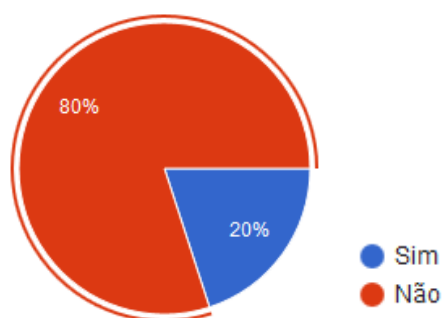
### 3.4.6 Morou no Japão

Como observado abaixo, nenhum dos participantes chegou a morar no Japão.



### 3.4.7 Estudo da Língua

Uma pequena parcela dos participantes apresentou ter recebido ensino prévio da língua japonesa, no entanto, com períodos de apenas um ano. Três destes por um programa de estágio supervisionado em uma escola de idiomas vinculada a uma universidade pública do Distrito Federal e um através de estudos autônomos. Ao serem comparados aos outros participantes, estes também, não mostraram grande divergência de dados.



## 3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados por um formulário virtual vinculado a uma conta do *Google*, a fim de se adequar a disponibilidade de tempo dos participantes e mantê-los em anonimato.

## 3.6 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

O formulário possuía uma parte introdutória, na qual estavam dispostas informações sobre os objetivos da pesquisa e o contexto geral do conto literário traduzido. Após esta parte introdutória, houve a coleta de dados gerais, buscando identificar se os participantes estavam de acordo com o procurado. Em seguida, o conto foi apresentado com as ilustrações, sendo estas localizadas logo após as partes das quais faziam referência e, por fim, a parte criada para buscar responder as perguntas e objetivos deste trabalho.

## **4 RESULTADOS**

No presente capítulo visamos mostrar os resultados obtidos pela pesquisa especificada no capítulo anterior, apresentando tanto os dados obtidos pela pesquisa quantitativa, quanto pela pesquisa qualitativa e comparando-os ao final, de modo a buscar uma maior compreensão dos fatores ocorridos.

### **4.1 RESULTADOS DA PESQUISA QUANTITATIVA**

80% dos participantes acreditam que as ilustrações lhes ajudaram a visualizar melhor as cenas descritas no texto. 60% dos participantes acreditam que as ilustrações diminuíram o esforço para a compreensão. 65% dos participantes acreditam que as ilustrações lhes fizeram perceber aspectos e objetos que não teriam percebido se houvesse apenas o texto. 40% dos participantes acreditam que havia objetos ou aspectos que eles só poderiam compreender com a visualização das ilustrações. 55% dos participantes acreditam que o uso das ilustrações lhes ajudou a inferir aspectos que não estavam explícitos no texto.

Ao serem perguntados se só as ilustrações foram suficientes para a compreensão de aspectos culturais do texto ou se acreditavam que algumas explicações a mais seriam necessárias: 20% marcaram que só as ilustrações foram suficientes, 65% marcaram que as ilustrações foram úteis, mas algumas explicações a mais ajudariam a melhorar a compreensão, 10% marcaram que as ilustrações não serviram para nada, mas algumas explicações seriam úteis e 5% marcaram que tanto as ilustrações não foram úteis como explicações também não seriam.

Acreditamos que as respostas negativas se devem as crenças da pesquisadora quanto ao que considerou relevante, pois, aparentam não estar de acordo com o considerado pelos participantes. No entanto, a dificuldade na compreensão do conto traduzido pôde ser observada.

Quanto às ilustrações, quando perguntado se houve algum elemento que eles conseguiram visualizar melhor com o auxílio das ilustrações, disseram que não: 50% para a ilustração 1 (um), 45% para a ilustração 2 (dois), 40% para a ilustração 3 (três), 35% para a ilustração 4 (quatro), 60% para a ilustração 5 (cinco).

Pelos dados brutos, podemos observar que apesar dos participantes acreditarem que as ilustrações lhes ajudaram a visualizar melhor o texto, diminuindo o esforço para compreensão e observando aspectos que não fariam parte de suas imagens mentais se não houvesse a presença das ilustrações, acreditam que poderiam visualizar todos os

elementos sem o auxílio das imagens e, se mostraram divididos quanto ao fato de ajudar ou não a visualizar elementos que não estavam explícitos no texto.

A Ilustração 4 (três) provou ser a ilustração mais relevante, enquanto a ilustração 5 (cinco) mostrou ser a menos.

## **4.2 RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA**

### **4.2.1 Efeitos cognitivos negativos**

Quanto à ilustração 1 (um): efeitos cognitivos que se provaram ser negativos foram verificados nas respostas por parte dos participantes 1 (um) e 18 (dezoito):

[01] “Que o jipe tinha uma flecha pinta do lado esquerdo”

[18] “na verdade a ilustração demonstra quatro soldados e apenas 01 interprete, e não estabelece que os cinco soldados desceram constata-se que 03 permaneceram dentro do veículo”

Quanto ao participante 1 (um), podemos concluir que foi uma falha durante a ilustração, que ao desenhar a pá, que era parte dos jipes americanos do período, falhamos em deixá-la clara, fazendo com que este participante confundisse o elemento com uma flecha. Isso é negativo para o processo cognitivo do participante, pois, cria a suposição de que os jipes americanos possuem uma flecha desenhada, sendo esta uma informação falsa.

Por parte do participante 18 (dezoito), houve uma falha de comunicação entre a intenção do ilustrador e o participante, por as ilustrações 1 (um) e 2 (dois) estarem seguidas e interligadas, o desenho foi uma ação gradual na qual o soldado, que faltava nesta primeira ilustração, já estava na bomba d'água da ilustração seguinte, e os três soldados que ainda permaneciam dentro do veículo, estavam no processo de “desembarque”. Essa falha na comunicação criou no participante uma suposição que contradiz a suposição que este havia desenvolvido quando leu o texto. Esta interação do conhecimento prévio com o novo causou um efeito cognitivo negativo, pois a informação nova falsa substituiu a suposição velha verdadeira.

Quanto à ilustração 2 (dois) houve efeitos cognitivos negativos por parte do participante 6 (seis). Quanto ao participante 15 (quinze) apesar de identificar uma questão, na qual este poderia ter desenvolvido um efeito cognitivo negativo, a suposição prévia não foi afetada, gerando apenas um maior esforço para compreensão.

[06] “Que foi apenas um soldado, em vez de eles.”

[15] “Bomba d’água, apesar de não mostrar que esta é turva.”

O participante 06 (seis), foi afetado do mesmo modo mencionado na ilustração 1 (um) pelo participante 18 (dezoito), por uma falha na comunicação por parte do ilustrador. Essa falha na comunicação produziu no participante uma suposição que contradiz a suposição que este havia desenvolvido quando leu o conto. Esta interação do conhecimento prévio com o novo causou um efeito cognitivo negativo, pois, a informação nova e falsa substituiu a suposição velha e verdadeira.

Quanto ao participante 15 (quinze), pela limitação das ilustrações serem feitas em preto-e-branco, ocorreu aqui uma falha ao transmitir a característica turva da água descrita no texto. No entanto, o conhecimento prévio prevaleceu gerando apenas maior esforço cognitivo diminuindo assim, a relevância.

As ilustrações 3 (três), 4 (quatro) e 5 (cinco) não produziram efeitos cognitivos negativos que pudessem ser observados.

#### **4.2.2 Efeitos cognitivos positivos**

Quanto à ilustração 1 (um) os participantes 03 (três), 04 (quatro), 06 (seis), 07 (sete), 10 (dez), 16 (dezesesseis) e 17 (dezesete), foram avaliados quanto à produção de efeitos cognitivos positivos.

[03] “Sim, a caracterização dos soldados.”

[04] “O vestuário militar, a vegetação típica e o posto escolar.”

[06] “A feição dos soldados transmite um mensagem tranquilidade e calma”

[07] “Posto escolar”

[10] “As características dos soldados”

[16] “Por ser a primeira imagem do conto, ajudou a me ambientar fisicamente melhor, percebi que o local era realmente uma espécie de recanto no meio do nada.”

[17] “Os soldados”

Conseguimos obter os aspectos desejados de acordo com a intenção de comunicar do ilustrador, pelos participantes 03 (três), 04 (quatro), 07 (sete), 10 (dez), 16 (dezesesseis) e 17 (dezesete). Retomando Pierce (1931-58) que afirma que qualquer palavra é um símbolo e este é aplicável a tudo que possa concretizar sua ideia, sendo

que sozinho não é capaz de identificar as coisas às quais se refere, mas supõe que somos capazes de visualizá-las ao associá-las a palavra. Concluimos que o efeito cognitivo foi alcançado ao permitir que os participantes associassem a palavra soldado ao seu aspecto total, sendo a vestimenta militar da época parte desse aspecto. Outra associação foi da palavra “posto escolar” à sua imagem. Tendo em vista que ambas as imagens não aparentam ter feito parte do conhecimento prévio dos participantes.

Quanto ao participante 06 (seis), podemos identificar o que foi mencionado no primeiro capítulo deste trabalho, no qual a pesquisa de Janney e Arndt (1994) mostrou que as imagens atuam mais fortemente de maneira afetiva-relacional. E que segundo Hume (1989) há três princípios de conexão entre ideias, sendo um deles a causalidade na qual a imagem desperta um efeito ligado aos nossos sentidos. Ou seja, quando o participante 06 (seis) visualizou os soldados, suas feições foram associadas a uma sensação que este já havia experimentado, colaborando com o contexto que seria apresentado posteriormente no texto.

Na ilustração 2 (dois) efeitos cognitivos positivos foram avaliados de acordo com o apresentado pelos participantes: 02 (dois), 03 (três), 04 (quatro), 07 (sete), 09 (nove), 10 (dez), 12 (doze), 15 (quinze), 17 (dezesete) e 19 (dezenove).

[02] “A paisagem”

[03] “Sim, a vila em si”

[04] “A sensação da vila estar em um local isolado, sensação permitida pela profundidade da ilustração (árvores, montanhas, etc.).”

[07] “Bomba d’água”

[09] “Sim, o poço.”

[10] “A paisagem”

[12] “Sim, bomba d’água manual”

[15] “Bomba d’água, apesar de não mostrar que esta é turva”

[17] “A bomba D água”

[19] “Sim, a bom da d’água”

Quanto aos participantes 02 (dois), 03 (três), 04 (quatro) e 10 (dez), ocorre o mencionado no Capítulo 1 por Weidenmann (1988) que afirma que as imagens são mais apropriadas à apresentação de informação espacial. Nesse caso, não ocorreu um efeito cognitivo, mas acreditamos que o esforço para a compreensão foi reduzido.

As respostas dos participantes 07 (sete), 09 (nove), 12 (doze), 15 (quinze), 17 (dezessete) e 19 (dezenove) são resultados dos aspectos culturais que objetivávamos obter com esta ilustração. De acordo com as palavras de Pierce (1931-58) já apresentadas podemos justificar que o processo cognitivo foi afetado aqui ao adicionar aos participantes a imagem de uma bomba d'água, a qual, agora, podem associar à palavra previamente apresentada.

Na ilustração 3 (três) verificamos que ocorreu a avaliação de efeitos cognitivos positivos de acordo com o apresentado nas respostas dos participantes: 01 (um), 03 (três), 04 (quatro), 05 (cinco), 06 (seis), 07 (sete), 09 (nove), 10 (dez), 11 (onze), 16 (dezesesseis), 17 (dezessete) e 19 (dezenove).

[01] “Quimono da mãe tinha quadradinhos”

[03] “Sim, a endumentaria dos personagens”

[04] “As características do pai e o serviço que ele descreve.”

[05] “Sim, o tipo de trabalho que estava sendo realizado”

[06] “A cara de indignação do pai. Além disso, deu para perceber o tanto que era desgostoso para ele realizar esse trabalho”

[07] “Pescoço grosso e ombro firme”

[09] “Sim, a entrada da casa e o tipo de trabalho”

[10] “As cascas secas de bambu atadas em pequenos feixes ficaram bem visualizadas por meio da ilustração”

[11] “Sim. O ambiente mais típico do Japão.”

[16] “Não entendi exatamente o que o homem estava fazendo quando li o texto, talvez devido ao texto ser cansativo, no entanto a imagem ajudou com que eu visualizasse um pouco melhor a ação em questão.”

[17] “As cascas secas de bambu”

[19] “Sim, o que ele estava fazendo o pai”

O resultado apresentado pelos participantes 01 (um), 03 (três), 04 (quatro), 05 (cinco), 09 (nove), 10 (dez), 11 (onze), 16 (dezesesseis), 17 (dezessete) e 19 (dezenove); está dentro do que o ilustrador buscava transmitir através das imagens elaboradas. Quanto às vestimentas dos personagens, não havendo descrição destas no texto, o participante que desconheça sua evolução no decorrer da história do povo japonês é incapaz de associar as palavras referentes aos personagens da aldeia, presentes no conto, aos seus conhecimentos prévios sobre vestimentas. Após a visualização da



imagem, a informação nova, que são as roupas, permite uma associação e produz assim, um efeito cognitivo. A partir deste momento, a informação das características da roupa utilizada na época fará parte das estruturas cognitivas do participante. Quanto ao trabalho com as cascas secas de bambu, por não termos este aspecto cultural como parte de nossa cultura e, por bambu ser uma planta não tão presente no nosso dia-a-dia como é no Japão, principalmente, através de seus vários usos, os participantes apresentaram dificuldades em sua compreensão, através da ilustração foram capazes de compreender como este trabalho era feito e qual é o aspecto das cascas secas de bambu, informações estas adicionadas às suas estruturas cognitivas.

No entanto, a resposta do participante 06 (seis) mais uma vez remete a pesquisa de Janney e Arndt (1994) que mostrou que as imagens atuam mais fortemente de maneira afetiva-relacional. E, Hume (1989) o qual afirma que há três princípios de conexão entre ideias, sendo um deles a causalidade na qual a imagem desperta um efeito ligado aos nossos sentidos. Sendo assim, a visualização da feição do personagem despertou nele a ideia de indignação e desgosto pelo trabalho, sensação a qual este já deve ter experimentado fortalecendo a suposição apresentada no texto.

Quanto ao participante 07 (sete), há uma dificuldade a qual consideramos ser devido a outro princípio de conexão entre ideias, apresentado por Hume (1989), chamado semelhança. Este princípio ocorre quando nos conduz da representação para o real, ou seja, o participante não deve ter tido muito contato com pessoas que apresentam as características presentes no personagem do conto tendo dificuldades assim, de associá-las a uma imagem, esforço este, que foi reduzido pela ilustração.

Na ilustração 4 (quatro) foram analisadas as respostas dos participantes 01 (um), 02 (dois), 03 (três), 04 (quatro), 05 (cinco), 06 (seis), 07 (sete), 09 (nove), 10 (dez), 16 (dezesseis), 17 (dezessete) e 19 (dezenove).

[01] “Os corvos”

[02] “Sim. A paisagem”

[03] “Sim, o próprio rio”

[04] “A caminhada de toda a vila em busca dos sapatos no lago, a quantidade de pessoas envolvidas na busca.”

[05] “Sim, a natureza da situação”

[06] “Quantidade de pessoas/ clima/ ambiente.”

[07] “Samambaia japônica”

[09] “Sim, o tipo de vegetação.”

[10] “Os aspectos da vegetação”

[16] “No início estranhei na imagem haver tantas pessoas, mas pensando um pouco melhor, notei que é algo cultural. A ideia da aldeia realmente unida ficou melhor expressa na imagem.”

[17] “A plantação”

[19] “Sim, o rio e as pessoas, como estariam.

Enquadram-se nos resultados procurados, estes, de acordo com os objetivos da escolha da ilustração, as respostas dos participantes: 02 (dois), 06 (seis), 07 (sete), 09 (nove), 10 (dez) e 17 (dezesete).

A vegetação, por ser um fator típico do país, apresenta diversidades culturais, então mesmo que seja de uma mesma espécie conhecida, como a samambaia, apresenta suas próprias características. Os participantes através da descrição do texto conseguem associar a uma planta similar, mas só através da imagem reconhecem suas peculiaridades.

Pode ocorrer também, tanto o caso dos participantes reconhecerem a planta em questão através da imagem por não estarem familiarizados com o seu nome, quanto o caso em que realmente a desconhecem, como por exemplo, a grama de bambu que não é uma planta tão comum no Brasil como é no Japão.

Quanto aos participantes 03 (três), 04 (quatro) e 19 (dezenove) podemos visualizar mais uma vez a afirmação de Weidenmann (1988) sobre as imagens serem mais apropriadas para a apresentação de informação espacial. Neste quesito, a imagem apenas diminui o esforço para compreensão.

Quanto aos participantes 05 (cinco) e 16 (dezesesseis), podemos considerar que mais uma vez a imagem atuou de maneira afetiva-relacional como apresentada na pesquisa de Janney e Arndt (1994). O princípio de conexão entre ideias de Hume (1989) também pode ser verificado, em especial no participante 16 [dezesesseis], na resposta dele, a conexão ocorre por causalidade com a associação da sensação de união à imagem de vários aldeões próximos uns dos outros. É plausível considerar que o modo como seu ambiente cognitivo foi construído veio a gerar a ideia de um conceito de união pela sensação de proximidade entre pessoas. Sendo esta ideia melhor percebida pela visualização da imagem, fortalecendo as implicaturas do conto. Por parte do participante 05 (cinco), não podemos analisar qual fator dentro dos princípios de conexão de ideias de Hume (1989) ocorreu, já que não houve uma maior explanação por parte do participante sobre qual natureza da situação especificamente este pretendia referir-se.

Quanto ao participante 01 (um), acreditamos que se deve a um problema do princípio de conexão de ideias de semelhança de Hume (1989), pois embora seja um

pássaro não encontrado no Brasil, pois este não divide território com o urubu, é conhecido pelas duas culturas. O participante em questão demonstra uma dificuldade na associação, o que demonstra que não teve muito contato com o pássaro ou desconhecia seu nome.

Por fim, quanto à ilustração 5 (cinco) foram analisadas as respostas dos participantes: 02 (dois), 03 (três), 04 (quatro), 07 (sete), 09 (nove), 10 (dez), 17 (dezesete) e 19 (dezenove).

[02] “Sim, o sentimento”

[03] “Sim, o comodo da casa onde os personagens se encontram”

[04] “Não, já havia imaginado toda a cena a partir do texto. A ilustração apenas acrescentou um aspecto de emoção das personagens.”

[07] “Sensação de fraqueza”

[09] “Sim, a posição dos personagens”

[10] “As vestimentas específicas dessas pessoas do vilarejo”

[17] “O corpo do pai”

[19] “A posição que a mãe estava”

Apenas as respostas dos participantes 03 (três) e 10 (dez) se adequam à intenção do ilustrador nesta imagem. Por motivos do fator vestimentas dos personagens do vilarejo já ter sido comentado, não o repetiremos aqui, restando apenas a resposta do participante 03 (três). O cômodo da casa, em especial o tapete de junco, é um aspecto típico presente nas casas tradicionais japonesas e como não é um aspecto das casas brasileiras é possível seu desconhecimento por parte do leitor. Se o comentário do cômodo por parte do participante ocorreu por conta do tapete, este ocasionou um efeito cognitivo pela associação da imagem à palavra, no entanto, se não ocorreu devido a este, foi apenas mais uma questão de informação espacial descartando-o da intenção do ilustrador.

As respostas dos participantes 02 (dois), 04 (quatro) e 07 (sete) são associadas novamente à maneira afetiva-relacional que a imagem atua segundo Janney e Arndt (1994) sendo todas questões de causalidade dentro dos princípios de conexão de ideias de Hume (1989) com os quais o participante assume alguma familiaridade sensorial, comparando as imagens com as experiências pessoais que tiveram com realidades similares, produzindo estas sensações como efeito da comparação.

Através dos dados fornecidos pelos participantes 09 (nove) e 19 (dezenove), podemos observar mais uma vez as imagens agindo de forma a apresentar melhor a informação espacial diminuindo o esforço para compreensão.

Acreditamos que a resposta fornecida pelo participante 17 (dezessete) se deve ao fato de não haver uma descrição específica da posição da mãe, dificultando a compreensão deste momento em particular. Vale ressaltar que por este motivo, a posição escolhida pelo ilustrador neste momento, se deve a suas próprias interpretações baseadas em sua própria estrutura cognitiva.

#### **4.2.3 Respostas redundantes**

Os participantes que não foram mencionados nos itens acima e que, apesar disso, também não estavam dentro dos dados de pessoas que marcaram “não” para a pergunta na qual deveriam dizer se haviam elementos que só foram observados com a visualização das imagens, serão agora mencionados por terem dado respostas redundantes, ou seja, apresentaram respostas que demonstravam que as ilustrações não ajudaram a visualizar nenhum aspecto que o texto sozinho já não havia conseguido gerar, não mostrando sinais de diminuição de esforço ou efeito cognitivo por parte destas. Como, por exemplo, o participante 02 (dois) na ilustração 1 (um) e o participante 18 (dezoito) na ilustração 4 (quatro).

[02] “Toda a situação passada no texto”

[18] “as ilustrações demonstram o enfoque, mas existem nuances que só é possível extrair do texto.”

Quanto ao participante 02 (dois), apesar da resposta não ter demonstrado nenhum acréscimo, avaliando as suas respostas seguintes, podemos considerar que realmente lhe foi relevante. No entanto, quanto ao participante 18 (dezoito), apesar de ter marcado sim, não teve outras respostas que demonstrassem diminuição de esforço ou efeito cognitivo positivo, pelo contrário, na ilustração 1 (um), como mencionado anteriormente, teve a produção de um efeito cognitivo negativo. Podemos considerar sua resposta, assim, como incongruente.

#### **4.2.4 Retorno por parte dos participantes**

Três participantes vieram a nossa procura após a realização da pesquisa para fazer comentários, apresentados aqui, sobre esta. Por estarem anônimos durante a pesquisa, não seguem o padrão de numeração dos itens anteriores.

[01] “Acredito que você deveria ter ilustrado outras partes que ficaram mais confusas no texto.”

Neste caso tentamos explicar que o nosso foco era nos aspectos culturais, e como estes não foram considerados presentes em outras cenas, não houve a oportunidade de focar nestas.

[02] “Como não havia espaço para comentários na pesquisa, eu vim procurá-la para dizer que eu marquei “não” porque sou contra o uso de ilustrações em obras literárias. No entanto, aquela terceira ilustração na qual o trabalho era mostrado, parecia meio relevante.”

Neste caso, podemos ver que as crenças do participante afetaram seu julgamento durante a pesquisa, sendo guiado por estas, demonstrou resultados que não condiziam com a realidade verificada por sua parte.

[03] “Ah, como eu fiz a pesquisa pelo celular eu não consegui visualizar as imagens direito e marquei tudo como “não”. Se eu tivesse visto do jeito que aparece no computador eu teria marcado diferente.”

Pelo fato do formulário ser virtual, poderia ser aberto por qualquer dispositivo, mas, o caso de ter sido aberto no celular não estava previsto nos planos da pesquisa, podendo ter afetado os dados de outros participantes dos quais não ficamos cientes. Por buscarmos a fidelidade dos dados nas melhores condições possíveis, este participante teve seus dados removidos da pesquisa.

### **4.3 INCONGRUÊNCIAS NOS DADOS COLETADOS**

Além da incongruência mencionada no tópico Respostas Redundantes, neste espaço podemos observar outros dados que na pesquisa qualitativa divergiu dos dados da pesquisa numérica.

Referente à pergunta: tiveram objetos ou aspectos que você só foi capaz de compreender com a visualização das imagens?, alguns dos participantes que marcaram “não” a esta pergunta, apresentaram respostas que a contradizem nas questões abertas, que se seguem abaixo:

[10]“As características dos soldados”

[10]“A paisagem”

[10]“As cascas secas de bambu atadas em pequenos feixes ficaram bem visualizadas por meio da ilustração”

[10]“Os aspectos da vegetação”

[10]“As vestimentas específicas dessas pessoas do vilarejo”

[11]“Sim. O ambiente mais típico do Japão.”

[15]“Bomba D’água, apesar de não mostrar que esta é turva”

[17]“Os soldados”

[17]“A bomba D água”

[17]“As cascas secas de bambu”

[17]“A plantação”

[17]“O corpo do pai”

Muitos destes são aspectos culturais, os quais, por terem sido mencionados, dificilmente teriam sido compreendidos durante a leitura do conto sem o auxílio das ilustrações. Provavelmente o leitor teria compreendido sua função, ou sua ideia geral, mas não alcançado o seu significado ou imagem. Por não terem chegado a uma imagem através do conto, marcarem como “não” parece gerar uma incongruência.

Referente à pergunta: Acredita que as ilustrações lhe ajudaram a visualizar melhor as cenas descritas no texto?, o mesmo fato ocorre:

[17]“Bomba D’água, apesar de não mostrar que esta é turva”

[19]“Sim, a bom da d’água”

[19]“Sim, o que ele estava fazendo o pai”

[19]“Sim, o rio e as pessoas, como estariam”

[19]“A posição que a mãe estava”

A pergunta aberta (houve algum elemento que você conseguiu visualizar melhor com o auxílio da ilustração acima? Se sim, qual(is)?) era basicamente uma reformulação desta pergunta em particular, com o intuito de recolher mais dados para análise e confirmar a fidelidade das respostas, por isso, ao marcar “não” na pergunta objetiva e “sim” na subjetiva, mostra uma contradição óbvia.

Prosseguindo com a pergunta: Acredita que as ilustrações diminuíram o esforço para a compreensão?, obtivemos o mesmo resultado:

[09]“Sim, o poço.”

[09]“Sim, a entrada da casa e o tipo de trabalho”

[09]“Sim, o tipo de vegetação”

[09]“Sim, a posição dos personagens.”

[10]“As características dos soldados”

[10]“A paisagem”

[10]“As cascas secas de bambu atadas em pequenos feixes ficaram bem visualizadas por meio da ilustração”

[10]“Os aspectos da vegetação”

[10]“As vestimentas específicas dessas pessoas do vilarejo”

[11]“Sim. O ambiente mais típico do Japão.”

[15]“Bomba d’água, apesar de não mostrar que esta é turva”

[19]“Sim, a bomba da d’água”

[19]“Sim, o que ele estava fazendo o pai”

[19]“Sim, o rio e as pessoas, como estariam”

[19]“A posição que a mãe estava”

Estes participantes, os quais marcaram como “não”, devem ter levado em conta que como a ideia geral já era passada pelo conto em si, as ilustrações só deram ênfase a pequenos detalhes, não afetando na compreensão deste. No entanto, como apresentado no tópico 4.2.2, através destas respostas foi verificada produção de efeitos cognitivos e em outras uma redução no esforço para a compreensão por parte da melhor apresentação espacial fornecida pela imagem. A compreensão de elementos que antes eram desconhecidos, ao gerar um efeito cognitivo, deveria ter eliminado suposições contraditórias e diminuído o esforço cognitivo dos participantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado tratou sobre o uso de ilustrações como uma ferramenta para melhorar a compreensão do leitor e ampliar, assim, sua compreensão em questões culturais presentes na tradução.

A partir dos dados coletados através do formulário virtual descrito na seção de métodos deste trabalho e da revisão de literatura reunida para dar base a este, conseguimos responder as perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho.

A primeira pergunta trabalhava com os dados qualitativos da pesquisa, de acordo com um contexto previamente planejado: **a) Os participantes demonstraram efeitos cognitivos quanto às ilustrações?** Observamos que apesar de nem sempre os efeitos cognitivos terem sido gerados de acordo com as intenções do ilustrador, em alguns momentos as imagens foram capazes de produzi-los. Lembrando que a estrutura cognitiva de cada indivíduo é diferente, os fatores culturais inclusos nestas também são divergentes. Vale ressaltar que as ilustrações foram criadas de acordo com as crenças do ilustrador que podem ter entrado em conflito com as crenças dos leitores e com a intenção original do autor.

Dando continuidade, a segunda pergunta complementava os dados obtidos na primeira pergunta, buscando observar se as respostas estavam de acordo com o planejado quando ocorreu a escolha das ilustrações: **b) Caso tenham ocorrido efeitos cognitivos, foram produzidos por causa dos aspectos culturais desconhecidos ou por outros fatores?** Vivemos em um período em que o acesso à informação está cada vez mais rápido e fácil de ser alcançado, de modo que mesmo que não evidenciemos a cultura de origem, ou estudemos a sua língua, acabamos observando a cultura do outro de diversas formas através de meios como as mídias. Assim, apesar de ocorrerem correspondências ocasionais, as crenças do que o ilustrador considerou como sendo aspectos desconhecidos da cultura japonesa para um leitor brasileiro, não foram confirmadas neste trabalho. Os efeitos cognitivos foram causados em sua maior parte por associações da palavra à imagem de aspectos culturais, poucas vezes ocorreram por outros fatores. Quanto à imagem ser mais adequada para apresentação de informação espacial aparenta ter apenas causado uma diminuição do esforço para compreensão dos participantes, sem necessariamente ter causado um efeito cognitivo.

A terceira pergunta tratava da questão do esforço, verificando se a diminuição do esforço só ocorre quando há efeito cognitivo ou em outros casos: **c) As ilustrações ajudaram a diminuir o esforço para compreensão do conto traduzido?** 60% dos participantes marcaram que sim. Mas, como visto durante o decorrer do trabalho,



podemos ver que alguns dos que consideraram que não houve diminuição no esforço apresentaram o contrario. Além dos aspectos culturais, a maneira afetiva-relacional com a qual a imagem atua mais fortemente e o fato de ser mais apropriada para a apresentação de informação espacial torna a ilustração um excelente auxiliar para diminuir o esforço de compreensão do leitor.

Por fim, a quarta pergunta abordava se houve divergência entre as perguntas subjetivas e objetivas: **d) O que os participantes afirmam ocorrer está de acordo com o que realmente foi apresentado por eles?** Como verificado, ocorreram incongruências nos dados, algumas vezes os participantes não responderam as perguntas objetivas do mesmo modo que responderam as perguntas subjetivas. Também houve o caso do participante que se recusou a ir contra suas crenças mesmo que estas não condissessem com a realidade verificada por ele. No entanto, a divergência dos dados numéricos não se mostraram tão distantes da realidade apresentada pelos participantes. Concluimos que os dados numéricos se apresentaram favoráveis ao uso de ilustrações como ferramenta auxiliar para compreensão, abrindo espaço para maiores estudos.

## REFERÊNCIAS

AGRA, K. L. O. A integração da língua e da cultura no processo de tradução, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 03 nov. 2016.

ALVES, F. (Org.) **Teoria da Relevância & Tradução**: conceitos e aplicações. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. Veio-me um click na cabeça: The theoretical foundations and the design of a psycholinguistically oriented, empirical investigation of German-Portuguese translation processes. **Meta**, v. 41 (1), p. 33-44, 1996

\_\_\_\_\_. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. **Revista TradTerm**: São Paulo, v.4, n.2, p.19-40, 1997.

\_\_\_\_\_. Tradução, cognição e contextualização: Triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **D.E.L.T.A.**, n. 19 Especial, p. 71-108, 2003.

\_\_\_\_\_. Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: **Competência em tradução**: Cognição e discurso. (Eds) A. Pagano, C. Magalhães e F. Alves, Belo Horizonte: Editora UFMG, p.90-122, 2005.

\_\_\_\_\_. Cognitive effort and contextual effect in translation: a relevance-theoretic approach. Fanyì Xuébào / **Journal of Translation Studies**, v.10, p. 57-76, 2007.

ALVES, F.; GONÇALVES, J. L. Modelling translator's competence: Relevance and expertise under scrutiny. In: GAMBIER, Y.; SHLESINGER, M.; STOLZE, R. **Doubts and Directions in Translation Studies**: Selected contributions from the EST Congress, Lisbon 2004. Amsterdam: John Benjamins, p. 41-55, 2007.

\_\_\_\_\_. Investigating the conceptual-procedural distinction in the translation process: a relevance-theoretic analysis of micro and macro translation units. **Target**, v. 24:1, Amsterdam: John Benjamins, [s.n.] 2013.

CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation**: an Essay on Applied Linguistics, London: Oxford University Press. 1965

CÓRDOVA, F. P.; SILVEIRA, D. T. Unidade 2 – A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dos autores, 2009.

DARBELNET, J.; VINAY, J.P. **Comparative Stylistics of French and English: a Methodology for Translation**, translated by J. C. Sager and M. J. Hamel. John Benjamins, Amsterdam / Philadelphia.1995

FILHO, J.M. **Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no ensino médio**. 2008. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2008.

GARCÍA, A. M. Cultura y Traducción. **Contrastes**. Revista Interdisciplinar de Filosofia, Málaga, v. 1, p. 173-190, 1996.

GENTZLER. E. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. São Paulo: Madras Editora, 2009.

GONÇALVES, J. L. V. R. Desenvolvimento da Pragmática e a Teoria da Relevância Aplicada à Tradução. **Linguagem em Discurso UNISUL**, v.5, n.esp., p. 129-150, 2005. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br>> Acesso em: 12 nov. 2016.

GUTT, E. A. **Relevance Theory: A Guide to Successful Communication in Translation**. Camp Wisdom Road Dallas: Summer Institute of Linguistic, Inc, 1992.

\_\_\_\_\_. On the significance of the cognitive core of translation. **The Translator**, v. V.11, Issue 1, p. 25-49, 2005.

\_\_\_\_\_. Challenges of Metarepresentation to Translation Competence. In: FLEISCHMANN, E; SCHMITT, P.A.; WOTJAK, G. (eds). **Tagungsberichte der LICTRA** (Leipzig International Conference on Translation Studies). Stauffenberg: Tübingen, 2005. p. 77-89.

\_\_\_\_\_. Teoria da Relevância e tradução: em busca de um novo realismo para a tradução da Bíblia. In: ALVES, F.; GONÇALVES, J. L (eds). **Relevância em Tradução: Perspectivas teóricas e aplicadas**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2006.

HOUSE, J. **Translation quality assessment**. Routledge, New York, 2015

KORPA, K.; PERRY, J. "Pragmatics", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2015 Edition), Edward N. Zalta (ed.), Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2015/entries/pragmatics/>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

LEVENTON, M. Japão, século XIX. In: LEVENTON, M. (Org.) **História Ilustrada do Vestuário: Um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX**, com

ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth. Tradução de Livia Almendary. 1. ed. São Paulo: Publifolha Editora, 2009.

MILMAN, L. Imagens e Representações: a intransparência cognitiva dos ícones. **Intexto UFRGS**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-17, 1998.

NOTH, W.; SANTAELLA, L. **IMAGEM**: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2015.

PEREIRA, V. Imagem, comunicação e poder. Revista Científica Plural UNISUL. 1. ed. 2008. Disponível em: [http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/edicoes\\_anteriores.htm](http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/edicoes_anteriores.htm) Acesso em: 03 nov. 2016.

RAUEN, F. J. Contribuições da Teoria da Relevância aos Estudos de Pragmática, da Cognição e da Textualidade: Questões e Propostas de Trabalho. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2003. p. 543-548.

SPERBER, D.; WILSON, D. Relevance Theory (shortened version). In: OTSU, Y. (Ed.) Proceedings of the Third Tokyo Conference on Psycholinguistics, 2002. Hitsuji Publishing : Tokyo, 2002. p. 45 -70.

SPERBER, D.; WILSON, D. Teoria da Relevância. Tradução de Fábio J. Rauen, Jane. R. C. Silveira. **Linguagem em Discurso UNISUL**, v.5, n.esp., p. 221-268, 2005. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br> > Acesso em: 03 nov. 2016.

## **LISTA DE APÊNDICE**

Apêndice A – Questionário Virtual com Tradução Ilustrada inclusa

Apêndice B – Texto Original

## APÊNDICE A

### A relevância da ilustração na tradução

Esta é uma pesquisa da graduação que visa descobrir se ao utilizar ilustrações em um texto traduzido de uma língua A para uma língua B, os elementos culturais da língua A, que são normalmente desconhecidos para o falante B, se tornam mais relevantes, ou não, do que se o leitor tivesse apenas lido o texto sem a presença deste facilitador. Para a futura análise será levado em conta, tanto questões sobre o processo cognitivo, como a Teoria da Relevância.

O texto escolhido é *Fui no Oshi* de Ōe Kenzaburō, no qual o desprezo que o autor sente por qualquer autoridade que não seja a democrática é transposto em sua obra. O cenário também é bem familiar a sua cidade natal. A história se passa no verão, o que vai afetá-la de incontáveis maneiras, em um vilarejo das montanhas e em seus arredores durante a ocupação do pós segunda guerra mundial.

O motivo da escolha do texto se deve ao fato de já ter me familiarizado com ele previamente ao cursar a matéria de literatura japonesa 4 e ter encontrado nele uma riqueza de detalhes e cultura que considerei ideais para este trabalho.

AVISO: Esta pesquisa pode levar até 1 hora, recomendo reservar este tempo para usufruir da leitura antes de começá-la. Para que o resultado seja o mais fiel possível, gostaria de contar com a sinceridade de todos os participantes.

\*Obrigatório

### Dados Gerais

---

Essa seção busca obter dados gerais para identificar se você está de acordo com o perfil da pesquisa.

#### 1. Idade \*

- ☐ Menor de 18
- ☐ Entre 18 e 25 anos
- ☐ Entre 26 e 40 anos
- ☐ Mais de 41 anos

#### 2. Sexo \*

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

#### 3. Escolaridade \*

- ☐ Fundamental Completo
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo

**4. Já esteve em contato direto com a cultura japonesa? \***

- ☐ Sim
- ☐ Não

**5. Já esteve no Japão? \***

- ☐ Sim
- ☐ Não

**6. Já morou no Japão? \***

- ☐ Sim, por menos de 1 ano.
- ☐ Sim, entre 1 e 5 anos.
- ☐ Sim, por mais de 5 anos.
- ☐ Não, nunca morei.

**7. Já estudou a língua japonesa? \***

- ☐ Sim
- ☐ Não

**8. Se sim, por quanto tempo e em qual instituição?**

---

---

## Mudez Inesperada

Um jipe ocupado por soldados estrangeiros vinha correndo através da névoa da alvorada. Ao se deparar com isso, um jovem, que tinha pendurado no ombro o arame que enrolava e atravessava a asa de um pássaro que havia caído na armadilha, estava circulando pelo seu próprio terreno de caça na extremidade do vale. Ele estava observando atentamente a cena enquanto prendia a respiração.

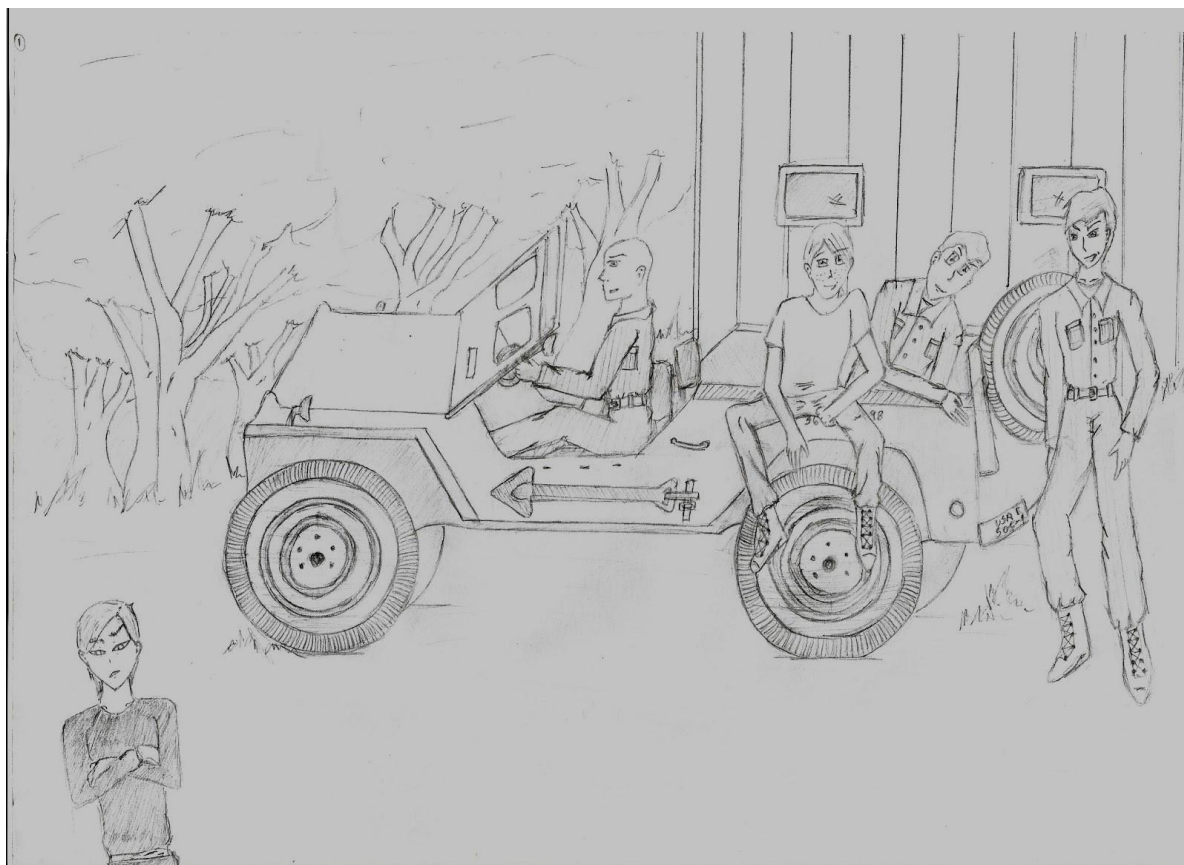
O jipe desce pelo planalto e entra completamente na depressão, ainda há tempo até que ele reapareça no planalto e venha a entrar no vale da vila. O jovem voltou sem fôlego para o vilarejo. Seu pai está no cargo de chefe dessa pequena aldeia, e estava finalizando os preparativos para sair para o cultivo quando o jovem retornou pálido.

Soa o alarme e todas as pessoas do vale são convocadas para frente da casa do pai que fica no meio da encosta de onde a depressão pode ser vista por cima. As mulheres jovens se desviam para a carvoaria entre as vertentes da montanha. Quanto aos homens, carregam os armamentos e as coisas que podem ser confundidas como tais para a cabana do campo, deixando-as lá. Então o voto foi feito: "Não disputem com eles". Estas palavras de aviso foram ensaiadas e repetidas diversas vezes. Apenas enquanto os soldados não chegavam até o vilarejo do vale.

As crianças estavam agitadas andando de um lado para o outro pelo curto caminho do vilarejo, e os adultos também não estavam progredindo em coisas como: o preparo da ração para o gado, a gestão do mel de abelha e o cultivo. Então, depois que o sol estava bastante elevado, o jipe veio entrando na aldeia do vale de forma realmente silenciosa e em grande velocidade.

Este parou na praça de frente ao posto escolar que fora trancado no período do verão e, a partir daí, um intérprete japonês e cinco soldados estrangeiros desceram. Eles colocaram a bomba d'água da praça para funcionar, beberam da água sempre turva e limparam os seus corpos. Eles foram

cercados e observados de longe, como inimigos, pelos adultos e crianças do vilarejo. Quanto às mulheres, e até mesmo os anciões, estavam encolhidos na entrada apertada e escura de suas casas, decididos a não sair.



Após terem terminado de limpar os seus corpos, os soldados estrangeiros estavam retornando para perto do jipe quando o círculo formado pelos adultos e crianças do vilarejo se expandiu. Eles estavam completamente inquietos, pois era a primeira vez que viam soldados vindos do exterior.



O intérprete com a expressão severa que estava, chamou aos gritos:

– Onde está o chefe da vila? Chame-o! – Estas eram as primeiras palavras da manhã.

O pai do menino, que juntamente com os outros moradores, estava observando a chegada dos soldados estrangeiros, se pôs a frente do círculo. O menino, cheio de emoção, fitou o seu pai se endireitar imponente ao ir responder o intérprete.

– Sou eu! – Disse o pai dele.

– Decidimos que nesta tarde iremos descansar nesta aldeia até que fique mais fresco. Nós não iremos incomodá-los. Estes homens têm hábitos alimentares diferentes. Assim, não é preciso lhes oferecer nada, mesmo que façam, será inútil. Entendido?

– Vocês podem ir descansar à vontade no posto escolar – Disse generosamente o pai do menino.

– Os adultos voltem ao trabalho, eu quero repousar aqui também. – Disse o intérprete.

Um soldado careca aproximou os lábios do intérprete e sussurrou algo.

– Ele disse: obrigado por vir nos receber. – Disse o intérprete.

O soldado careca estava sorrindo, parecia estar feliz. Apesar das palavras do intérprete, os adultos não estavam se retirando para poder observar os soldados. Tanto os adultos quanto as crianças suspiraram de admiração enquanto os fitavam.

– Quanto aos adultos, voltem ao trabalho! – Repetiu o intérprete.

– Pessoal! Vamos voltar ao trabalho. – Disse o pai do menino.

Nesse momento, finalmente os adultos se dispersaram relutantemente, espiando por cima dos ombros. No entanto, é provável que voltassem se houvesse um pretexto, mesmo que fosse pequeno. Em contrapartida, eles pareciam não possuir bons sentimentos para com o intérprete. Ao sobrar apenas as crianças, elas, como o esperado, acabaram temendo a presença dos soldados, recuaram um pouco do jipe e os observaram.

Um dos soldados estrangeiros começou a lavar a carroceria do jipe com a água puxada do poço. Outro foi para frente do caixilho da janela do posto escolar e alisou seu cabelo loiro dourado. Também havia um reparando a arma. As crianças prenderam a respiração e continuaram a observar.

O intérprete veio andando propositalmente até o lado dos jovens e, sem dar nenhum sorriso, acabou entrando na cabine do motorista depois de olhar em volta, para as quatro direções. Aí, eles, sem qualquer cerimônia, conseguiram assim, assistir estes visitantes do exterior. Os soldados passavam a sensação de serem calmos e corteses e, possuíam distinta altura e largueza de ombros. As crianças aos poucos estreitaram o círculo e foram se aproximando para observar melhor os soldados. Não eram tão assustadores.

Ao meio-dia, depois de rapidamente ficar quente, os soldados desceram até o rio da montanha. Lá, encontraram lugares aqui e ali onde a profundidade permitia o nado. As crianças olhavam o corpo desnudo dos soldados pasmas. Estes possuíam a pele muito branca e os pelos dourados do corpo brilhavam com a luz do sol. Quanto a eles, estavam atirando água uns nos outros, trocando gritos de forma estridente.

As crianças estavam encharcadas de suor, mas mesmo assim, sentaram comportadas na encosta e assistiram os soldados. O intérprete desceu até aí, ele também tinha se despido, sua pele era bronzeada e, além disso, não possuía nenhum pelo no corpo, todo ele era lisinho, o que dava a impressão de parecer sujo. Ele, diferente dos soldados, pressionava bem o abdômen e imergia na água. As crianças desdenharam um pouco da maneira do intérprete e gargalharam. Os soldados também pareciam não se associar muito com ele. Teve algo próximo a isso, somente, quando a água atirada veio do intérprete, instantaneamente se encontrando em um cerco de alguns soldados e se retirando enquanto se queixava.

Quando as crianças perseguiram os soldados pela volta para o posto escolar, eles corriam, secavam e vestiam seus corpos nus com calças e jaquetas enquanto emitiam sons estranhos, o intérprete não estava junto. Então, depois de um tempo, o intérprete, perturbado, voltou descalço. Por ele ter vindo sem saber o que fazer pelo quente caminho de pedras, tanto os soldados quanto as crianças deram risada e foram de encontro a esse intérprete curvado.

Entretanto, o intérprete possuía uma expressão séria que não era motivo de riso. E, pareceu que estava explicando as circunstâncias para os soldados. Eles, que ouviram esta explicação, riram novamente de forma ensurdecadora e, seguidas por isso, as crianças também abriram bem a boca e gargalharam alegremente.

O intérprete se aproximou delas, e em apenas uma olhada compreenderam seu mau humor. Possuía um tom como se repreendesse as crianças severamente.

– Vocês! Não sabem onde estão meus sapatos? – Ele chutava o ar com os pés descalços. – Os meus sapatos desapareceram.

As crianças riam com vivacidade. O intérprete, que estava franzindo a testa pequena e morena em desconforto, era uma boa atração.

– Não riam! – O intérprete se tornou arrogante e gritou. – Dentre vocês, não tem ninguém que me pegou uma peça? E aí? Como é que é?

As crianças pararam de rir, engoliram a saliva e ergueram o olhar para o intérprete. Ele com a expressão como se estivesse abalado, abordou as crianças.

– Hein, alguém não os viu por acaso?

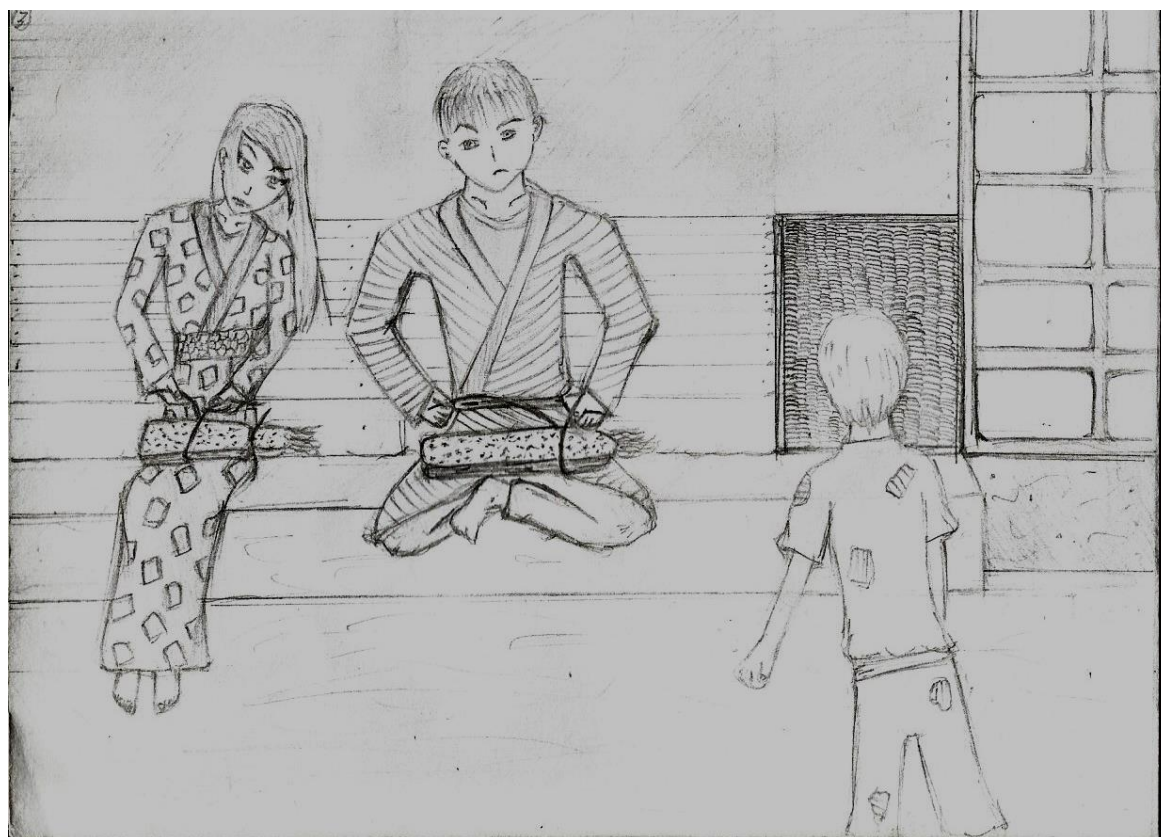
Ninguém respondeu. Os olhos de todos observavam os pés brancos e esguios do intérprete,

estes, diferentes dos pés das pessoas da vila, que nunca calçavam sapatos, pareciam fracos e repugnantes.

– Não sabem? Vocês aí! – O intérprete disse com ira em sua voz. – Vocês são uns inúteis! Os soldados estavam evitando o sol quente e entraram completamente debaixo do telhado do posto escolar, daí estiveram observando o modo de lidar das crianças com o intérprete. Era como se eles estivessem se divertindo com as roupas pretas e os pés descalços do intérprete que estavam apresentando um estranho contraste.

– Chamem o chefe da vila! Diga-o pra vir imediatamente! – Disse o intérprete de forma extremamente opressiva.

O jovem, filho do chefe da vila, se separou de seus companheiros e subiu correndo pelo íngreme caminho de pedras e desapareceu pelo bosque. Seu pai estava sentado na entrada escura de sua casa, trabalhando com sua mãe na separação das cascas secas de bambu atadas em pequenos feixes. Este era um trabalho inconveniente para seu pai que possuía pescoço grosso e ombros firmes. No entanto, na aldeia do jovem, constantemente era impossível fazer apenas trabalhos apropriados a homens, devo declarar. E, em contrapartida, também houve momentos em que as mulheres tiveram que fazer trabalhos masculinos.



– Hãnm? – O pai respondeu com uma voz rouca ao chamado do jovem.

– Os sapatos do intérprete desapareceram e estamos com problemas. – Disse o jovem – Por isso está dizendo para que vá até ele.

– E é algo que eu deveria saber? – Disse o pai mal humorado. – Coisas como os sapatos daquele homem sujo, é algo que eu deveria saber?

O pai, no entanto, se levantou e seguiu o menino estreitando os olhos para o ofuscante sol do lado de fora, desceram o vale. Os adultos da vila se juntaram ao redor do jipe na praça e escutaram a explicação referente aos sapatos do intérprete. O chefe da vila, com dificuldade expressada no suor em sua testa, chegou ao intérprete que repetia eloquentemente.

– Os sapatos foram roubados enquanto eu estava nadando, é a tua vila, tu tens a responsabilidade! Recupere-os!

Antes de responder, o pai do jovem se virou para os adultos do vilarejo. Logo em seguida se voltou calmamente para o intérprete e balançou a cabeça.

– Que foi? – Disse o intérprete.

– Eu não tenho nada a ver com isso. – Disse o pai.

– Foi roubado na tua vila – O intérprete estava obsecado. – O responsável está na tua vila.

– Eu não sei se foram roubados ou não. – Disse o pai. – Podem ter sido levados pela correnteza.

– Eu os descalcei e os coloquei em cima da areia junto com as roupas, isso é certeza, não há como eles terem sido levados pela correnteza.

O pai se virou mais uma vez e disse tudo para as crianças e adultos.

– Vocês! Tem alguém que tenha roubado os sapatos? – E então ele disse ao intérprete – Parece que não.

– Não seja enganado pelas crianças! – O intérprete irritou-se, seus lábios finos tremiam de forma extremamente minuciosa. – Não me subestime!

O pai estava calado. O intérprete enfatizou.

– Aqueles sapatos eram do exército, está sabendo o que acontece ao sujeito que rouba ou esconde equipamento do exército?

O intérprete se virou e levantou o braço, em resposta a isso, homens de cabelo loiro e castanho de uma altura impressionante vieram do posto escolar e rodearam o intérprete e o pai que ficou completamente ocultado entre os altos e largos ombros dos soldados. Eles, pela primeira vez, penduraram no ombro a arma configurada curta em uma posição cuja coronha parecia bater áspera contra o quadril.

O círculo de soldados se desmanchou, e a partir daí, o pai tirou a cabeça e disse em voz alta.

– A princípio, vamos tentar procurar ao redor do rio, ajudem, por favor.

Então, com a dianteira tomada pelo pai e o intérprete, os soldados, adultos e crianças avançaram andando em direção ao rio do vale. As crianças estavam excitadas, enquanto acompanhavam, pisavam excessivamente forte nas moitas de samambaias japônicas. Procurar na curta margem do rio não passava de uma tarefa muito simples. E, ninguém, com exceção do intérprete, parecia estar se dedicando à tarefa. Dentre os soldados, um homem com sardas e muito jovem, pôs a arma em posição no quadril e alvejou a copa de uma *Paulownia Imperialis*, nela, havia um corvo cinza de barriga inchada que veio da outra margem do rio. O corvo estava imóvel, mas o soldado não atirou, ele abaixou o cano da arma e quando começou a olhar em volta pela margem do rio, em prol da busca pelos sapatos, tanto os adultos quanto as crianças da vila se lembraram de respirar. As emoções das pessoas da aldeia pareciam ter se libertado do nervosismo referente a todos os soldados estrangeiros.

Todavia, a partir de uma moita relativamente afastada da margem do rio, o intérprete apanhou o cadarço de seus sapatos, este, mostrava ter sido cortado fora por uma lâmina afiada. Quando o intérprete levantou a voz com ira para os aldeões, a sensação desagradável que se misturava ao medo retornou. Quanto às crianças, recuaram para dentro de ervas daninha e gramas de bambu, além dos brotos de espécies de samambaia japônica que cresceram cheios de vida.



Quando o intérprete chamou em língua estrangeira e em alta voz, um soldado, careca e de peitoral amplo, se aproximou a passos largos. O intérprete explicou apresentando com o dedo a distância a partir da margem do rio e a parte cortada do cadarço. Nesse meio tempo, o pai, mal humorado, franziu as sobrancelhas e escutou a isso, mas para ele, que não compreendia a língua estrangeira, não demorou em se perder em outros pensamentos. O soldado lentamente abaixou a cabeça em concordância e olhou os aldeões adultos que estavam em volta. Em seguida, o intérprete começou a falar berrando de forma autoritária com o pai.

– Entre as pessoas da sua vila há um ladrão, você sabe quem é! Não é? Faça o sujeito confessar!

– Eu não sei! – Disse o pai – Nessa vila não há pessoas que roubam!

– Está mentindo! Acha mesmo que eu vou ser enganado? – O intérprete disse de maneira abusiva.

– O cara que furtou equipamento do exercício será mesmo fuzilado, não há o que se possa fazer. Você está bem com isso?

O pai não demonstrou nenhuma reação. O intérprete contraiu severamente as sobrancelhas e olhou para ele. O soldado careca disse algo para o intérprete com uma voz perfeitamente normal. E ele, do mesmo jeito mal humorado, respondeu abaixando a cabeça em concordância. E então, eles foram regressando para o pátio em frente ao posto escolar, mas a aparência do intérprete, descalço, andando nas pedras aquecidas pelo sol, era bastante engraçada. Ele incessantemente secava o suor que molhava a nuca enquanto andava como se saltitasse,

Na praça em frente ao posto escolar, o intérprete, depois de ter conversado gesticulando com o soldado careca, disse, evidentemente, com tom de estar alvejando um resultado que abalaria todos os adultos.

– Estamos preparados para buscar compulsoriamente pela casa de vocês. – Ele colocou poder



no que disse. – A pessoa que estiver escondendo os sapatos será presa, apesar disso, se houver alguma pessoa que queira agora se desculpar publicamente e voluntariamente entregar os sapatos, posso deixá-los passar.

As pessoas da vila não se abalaram nem um pouco. O intérprete disse cada vez mais irritado.

– Ei! Crianças! Não há, dentre vocês, alguém que viu algum sujeito escondendo os sapatos? Se há, ordeno que venha até mim! Darei uma recompensa.

As crianças estavam caladas. O intérprete, com gestos intensos, conversou mais uma vez com os soldados. Os soldados consentiram como se tivessem desistido, ele já havia entrado no posto escolar quando abanou a cabeça ensopada de suor e disse.

– Buscaremos o criminoso em todas as casas, o sujeito, que calado, permaneceu escondido e roubou equipamento militar, será punido. – E então ele ordenou. – Me sigam! Faremos a busca na presença de todos a partir da ponte norte. Até que o produto seja descoberto, atitudes independentes não serão permitidas.

Nenhum dos adultos expressou vontade de se mover. O intérprete levantou a voz.

– Estão enrolando com o que? – Ele estava gritando de forma autoritária se voltando contra os aldeões. – Eu disse para me seguirem, pretendem não colaborar?

A voz dele foi absorta em vão pelo sol escaldante e os homens do vilarejo se mantiveram imóveis, o suor quente escorria pelos seus braços cruzados. Ele não apenas se contorceu um pouco de raiva, abriu os olhos febris e lançou um olhar severo pelas quatro direções, o corpo estremeceu.

– Me sigam! Vamos buscar em uma casa por vez.

– Vamos! Compareceremos. – Disse o pai.

Então, seguindo o intérprete, os homens da aldeia foram andando em direção ao lado norte do vale, era a hora em que o sol acertava mais violentamente lá. O intérprete descalço, louco de raiva, estava andando as cegas enquanto, com um andar cômico, suportava o calor das pedras instaladas pelo caminho, fazendo com que as crianças, que acompanhavam isso com o olhar, rissem. Os soldados também, como se estivessem perplexos, gargalharam. Nesse momento, as crianças rapidamente recuperaram a afeição por eles.

Os soldados, que não podiam partir enquanto a busca do intérprete não era realizada, estavam ora andando sem ter o que fazer ao redor do jipe, ora se fechando no posto escolar. As crianças passaram um tempo agradável observando esses soldados estrangeiros. Quanto aos soldados, tiveram curiosidade por uma pequena menina que vestia um quimono, tiraram fotos e anotaram na agenda. No entanto, por a busca já ter se prolongado um pouco, eles estavam prestes a se cansar disso também.

O intérprete, de forma realmente obstinada, continuava a busca. Os soldados subiram com os sapatos nas tábuas do chão do posto escolar e estavam esperando, ora deitados, ora sentados, o aspecto era de estarem perdidos. Dentro, havia também, um jovem soldado que movia o maxilar incessantemente. Ele, uma vez ou outra, expelia um cuspe pêssego no chão empoeirado e ressecado pelo sol.

Os adultos presenciaram a busca de casa em casa e seguiram o intérprete, mas as crianças se agruparam na praça do posto escolar e, ora estavam observando o jipe, ora observando o aborrecimento dos soldados, elas, sem se cansarem, os fitavam entusiasmadas. O jovem soldado arremessou ali o doce da embalagem de papel que ele estava mastigando. As crianças, enquanto riam animadas com a felicidade estampada por todo o rosto, comiam o doce que grudava pegajoso ao dente e tinha como o couro a sensação de que não podia ser cortado. Elas cuspiram isso, mas estavam totalmente satisfeitas.

De repente, o sol foi encoberto, As montanhas, que rodeiam o vale, escureceram, um vento surgiu e a vegetação rasteira de soto de castanheiro foi sacudida. Anoiteceu. Nesse momento, o intérprete, por fim esgotado e emudecido pelo mau humor insatisfeito, voltou para a praça acompanhado dos adultos do vilarejo. Os pés descalços dele, que estavam sujos de poeira e suor, eram como se estivessem envolvidos por um pano preto e, mais do que isso, eram grandes e repugnantes. Estava, deste modo, explicando as circunstâncias para os soldados que estavam dentro do posto escolar. O riso já não surgia entre os soldados. Eles também, cansados de esperar, estavam fazendo uma expressão irritada. O intérprete se voltou para os adultos quando, os soldados, dando apoio de retaguarda, vieram para a praça com as armas nos braços.

– Cooperem! – Ele disse como se sua voz tivesse se tornado uma suplica. – Cooperar comigo é cooperar com a ocupação militar. Japoneses, a partir de agora, não conseguirão continuar vivendo sem cooperar com a ocupação militar. Vocês não são o povo da nação que perdeu? Estão em uma posição que não podem reclamar mesmo que sejam massacrados pelo país vencedor. Não colaborar não é um ato de loucura?

Os adultos encararam o intérprete sem dizer nada. O intérprete irritado enquanto apontava o dedo para o pai do menino gritou com a voz exigente de antes.

– Até que meus bens roubados sejam devolvidos, nós não sairemos desta vila! É só eu falar que nessa vila há rebeldes ocultando armas que eles ficarão aqui e começarão a investigar, não é? Se os soldados se focarem nisso, as esposas e também as filhas que vocês agora, enviarem para as montanhas, não serão perdoadas, hein!

O intérprete, como se confirmasse o abalo dos adultos da vila, cerrou os lábios e olhou sério em volta.

– Vamos! Vocês não pretendem cooperar?

– Estou dizendo que ninguém sabe dos teus sapatos. Estou dizendo que eles podem ter sido levados pelo rio. – O pai do menino disse com perseverança. – Não é questão de cooperarmos, ou não.

– Seu maldito! – O intérprete rosou, gritou e subitamente bateu direto na cara do pai.

O pai estava impávido, bem apoiado pelo queixo firme, mas o lábio se cortou e começaram a escorrer gotas de sangue. Então, o filho, possuído pelo receio, ergueu os olhos para a bochecha queimada pelo sol que começou a lentamente mostrar a vermelhidão.

– Seu maldito! – Disse o intérprete perdendo o fôlego. – Você é o chefe da aldeia, tem responsabilidade. Se você não falar o nome do ladrão, vou falar pros soldados que você é o ladrão, então vou fazer eles te prenderem e te entregarem para a polícia do exército de ocupação.

O pai do menino se virou lentamente e começou a andar de costas para o intérprete. O menino sentiu que seu pai estava bem irritado. O intérprete parecia estar prestes a chamá-lo de volta, mas o pai estava andando rapidamente sem mostrar reação a isso.

– Pare, não fuja ladrão! – Gritou o intérprete e em seguida, continuou gritando em língua estrangeira.

O jovem soldado apareceu de repente, pôs a arma em posição e como esperado, gritou em língua estrangeira. O pai olhou por cima do ombro, e subitamente, como se tomado pelo pânico, saiu correndo.

O intérprete gritou, a arma do jovem soldado fez soar um som de disparo, o pai estendeu os dois braços e como se tivesse saltando para os céus, seu corpo foi feito flutuar e, desse modo, tombou no chão. Os aldeões foram às pressas, mas mesmo assim, o jovem tinha se atirado primeiro no pai derrotado. Dos olhos, nariz, e até mesmo ouvido estava transbordando sangue, estava morto. O menino enterrava o rosto nas costas do pai que pareciam queimar de febre enquanto soluçava abalado. O pai pertencia somente a ele. Os aldeões, então, passaram pela atmosfera densa do anoitecer e encararam o soldado e o intérprete que estavam de pé aturdidos. O intérprete que se afastou dois, três passos do soldado, emitiu um chamado agitado de quem havia perdido o juízo, mas dentre os adultos e as crianças do vilarejo, ninguém respondeu. Todos estavam apenas encarando o intérprete em silêncio.

Entardeceu, mas apenas o jovem e sua mãe estavam deitados ao lado do cadáver enrijecido. A mãe, como um homem, estava com as nádegas levantadas abraçando seus joelhos com os braços, sem fazer nenhum movimento. O jovem também, sem mover um músculo, estava calado, olhando para baixo pela janela voltada para o desfiladeiro.

Do fundo do rio do vale surge uma névoa expeça. O jovem focou o olhar e encontrou os adultos subindo a partir da vila pelo caminho de pedras e, sendo perseguidos pela névoa que lentamente se desloca para cima. Os adultos vinham lentamente e calados. Subiam firmando os pés no chão como se carregassem uma bagagem nas costas, o jovem estava fitando isso, que o fazia morder os lábios de raiva e elevar sua pulsação. Foi realmente lento, mas vinham subindo com constância. O menino parecia estar prestes a perder a consciência. A partir daí, de repente, a mãe se aproximou rastejando e espiou pela janela. Ele sentiu que a mãe viu os aldeões. Ela envolveu os ombros dele nos braços e ele enrijeceu o corpo neles.

Quando ele pensou que os aldeões haviam se escondido em um arvoredor de azinheira, logo em seguida, eles, sem chamar, estavam empurrando a porta de madeira e passando pela entrada da casa do menino, desse modo, se aglomeraram ali em silêncio e fitaram o jovem. O jovem sentiu a mãe que o abraçava tremer, instantaneamente contaminado por isso, ele também, começou a estremecer.

Entretanto, ele, desvencilhando os braços da mãe de seu próprio corpo, levantou. E então, ainda descalço, desceu para a entrada e começou a andar cercado pelos adultos. Eles desceram rapidamente pelo caminho íngreme e molhado pela névoa, o jovem, seguia caminhando enquanto continuava a tremer por medo e pelo frio da névoa.

No lugar plano de frente para a pequena pedreira, aberta para extrair pedra calcária, o caminho se dividia em bifurcações. Quando atravessou a ponte de madeira revestida com barro, ela levava para a escada que descia para o fundo do rio do vale. Aí se ocultaram os adultos com a barba por fazer. Observaram o jovem de cima enquanto seus rostos pobrememente insidiosos se contorciam em preocupação. Estavam fitando o jovem, desse modo, calados.

O jovem abraçou seu próprio corpo a fim de conter a tremedeira e, enquanto sentia os adultos o observando por trás, correu sozinho se voltando para a praça em frente ao posto escolar. O jipe estava parado silenciosamente, recebendo a suave luz da lua. O jovem parou de pé em frente a isso. Os soldados deveriam estar dormindo dentro do posto escolar. O jovem juntou bastante saliva pegajosa na boca e pregou os olhos no jipe.

No acento do motorista uma sombra levantava pesadamente. Esta abriu a porta e metade do corpo se inclinou.

– Quem é? – Disse o intérprete – Veio fazer o que?

O jovem estava calado, então a cabeça negra do intérprete se ergueu.

– Você sabe o local que os meus sapatos estão escondidos? – Disse o intérprete. – Você quer receber uma recompensa e contar para mim?

O jovem usou todo seu poder para enrijecer as bochechas e se virou para cima. Estava calado. O intérprete se lançou para baixo de modo a mover seu corpo jovial. Ele deu uma batidinha no ombro

do jovem.

– Você é um cara legal, agora, me leve até eles. Não há com o que se preocupar, eu não irei contar para os adultos.

Regressaram enquanto os corpos do intérprete e do jovem batiam de maneira áspera um no outro. O jovem estava usando sua determinação ao limite para que a sua tremedeira não fosse desconfiada.

– O que será que eu darei de recompensa? – Tagarelou o intérprete. – Ei, o que você quer? Devo fazer com que os soldados te deem um doce? Já viu um cartão postal desenhado de um país estrangeiro? Pode ser também uma revista que os soldados leem.

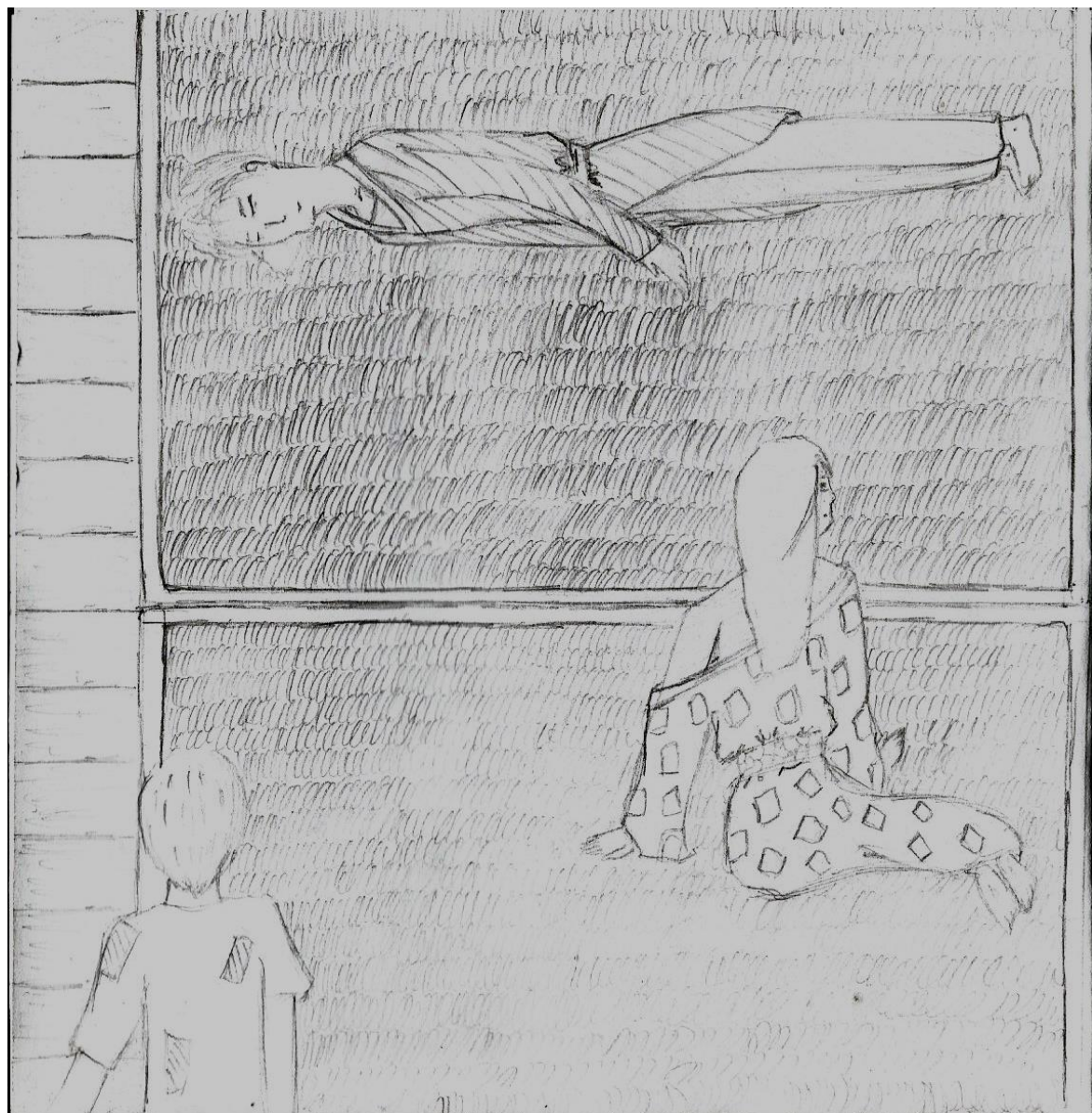
O jovem se manteve calado e segurou a respiração enquanto andava. O cascalho machucava na planta dos pés descalços. Parecia que ainda mais para o intérprete. Ele falava bem humorado enquanto vinha atrás pulando de pedra em pedra.

– Você é mudo? – Disse o intérprete. – Mesmo mudo entende bem as coisas. Os adultos da sua vila não batem bem da cabeça!

Eles saíram para frente da pedreira. Atravessaram a ponte de madeira coberta por barro e desceram a escada, que molhada pela névoa, tinha se tornada escorregadia. A partir da escuridão de debaixo da ponte, um braço inesperado saiu e segurou a boca do intérprete. Então, Os adultos, que estavam com os músculos enrijecidos como pedra com pelos nascendo na superfície, cercaram o intérprete com os encolhidos órgãos sexuais expostos.

O intérprete, desse modo, abraçado pelos vários homens nus, sem conseguir mover um músculo, estava sendo lentamente afundado na água. A pessoa, que começava a ter dificuldades para respirar, se afastava do corpo do intérprete, retirava o rosto da água e, quando respirava uma vez, voltava a mergulhar abraçando-o. Os adultos repetiram esse serviço de troca por um longo tempo, até que, restou apenas o intérprete no fundo da água e eles subiram as escadas. Eles estavam todos tremendo de frio. Seus corpos tremiam como folhas e, quando retiraram a água, ainda do modo que estavam, se encheram de roupas. Os adultos vieram despachar o jovem até o início do caminho íngreme, a partir daí, o jovem, que regressou ainda calado, como se tivesse sido espantado pelo som dos próprios passos, subiu correndo pelo bosque ao amanhecer.

Quando abriu a porta, a suave névoa azul acinzentada do alvorecer soprava forte a partir desta, ainda aberta, causando um ataque de tosse à mãe, que tinha as costas morenas voltadas para entrada. Ele estava em pé na entrada, enquanto, do mesmo modo, teve também um ataque de tosse. Ela olhava para ele com olhos realmente duros. Ele se manteve calado e subiu no cômodo com soalho de madeira. O grande corpo do pai estava arrepiado pelo frio, foi posto deitado no canto do tapete de junco do qual ocupava a metade. O olhar da mãe estava passando pela grossa nuca e pelas pequenas costas do filho. Ele soluçou sem levantar a voz. Estava exausto, com sensação de fraqueza, tristeza e, mais do que tudo, tomado por um medo violento. A mão dela tocou na nuca dele. Ele sacudiu isto rudemente, como um louco, e mordeu os lábios com raiva. As lágrimas escorreram. A voz energética de um passarinho surgiu a partir de um bosque de vários tipos de árvores, que incluíam castanheiras enfileiradas.



Pela manhã, um único soldado encontrou o intérprete com as pernas brancas juntas para fora, flutuando no fundo do rio do vale. Ele acordou os companheiros e transmitiu isso. Eles tentaram usar os aldeões para apanhá-lo do lago. Entretanto, as crianças, que mesmo que nunca se aproximassem deles, também não estavam os observando de longe.

Quanto aos adultos, estavam cultivando, concertando a caixa das abelhas e cortando a grama. Mesmo que os soldados tenham gesticulado para mostrar essa vontade, os aldeões não mostraram nenhuma reação. Então, olharam para eles como se fossem árvores ou pedras de pavimentação e voltaram ao trabalho. Todos estavam trabalhando calados. Era como se tivessem esquecido completamente que os soldados estavam dentro no vilarejo.

Por fim, um dos soldados se despiu e entrou no rio, puxou o corpo afogado para si e carregou para o Jipe. No período que antecedia o meio-dia, passaram o tempo todo ao redor deste, uns soldados sentavam, outros andavam em volta. Eles aparentavam estar extremamente irritados.

Depois disso, quando, de repente, o jipe deu a volta em silêncio e regressou pelo caminho que havia entrado na vila, os adultos e também as crianças, sem dar atenção a isso, estavam em seu comportamento diário. No caminho, que estava fora da vila, havia uma garota acariciando a orelha de um cachorro. O homem, que tinha os olhos azuis mais claros dentre os soldados, arremessou um embrulho de doce, mas sem reagir, tanto a garota como o cão, continuaram a brincadeira.

## Perguntas Referentes à Pesquisa

É esta seção que gerará os dados que influenciarão os resultados da pesquisa, peço que a respondam com sinceridade.



**9. Acredita que as ilustrações lhe ajudaram a visualizar melhor as cenas descritas no texto? \***

- ☐ Sim  
☐ Não

**10. Acredita que as ilustrações diminuíram o esforço para a compreensão? \***

- ☐ Sim  
☐ Não

**11. Acredita que as ilustrações lhe fizeram perceber aspectos e objetos que você não teria percebido se houvesse apenas o texto? \***

- ☐ Sim  
☐ Não

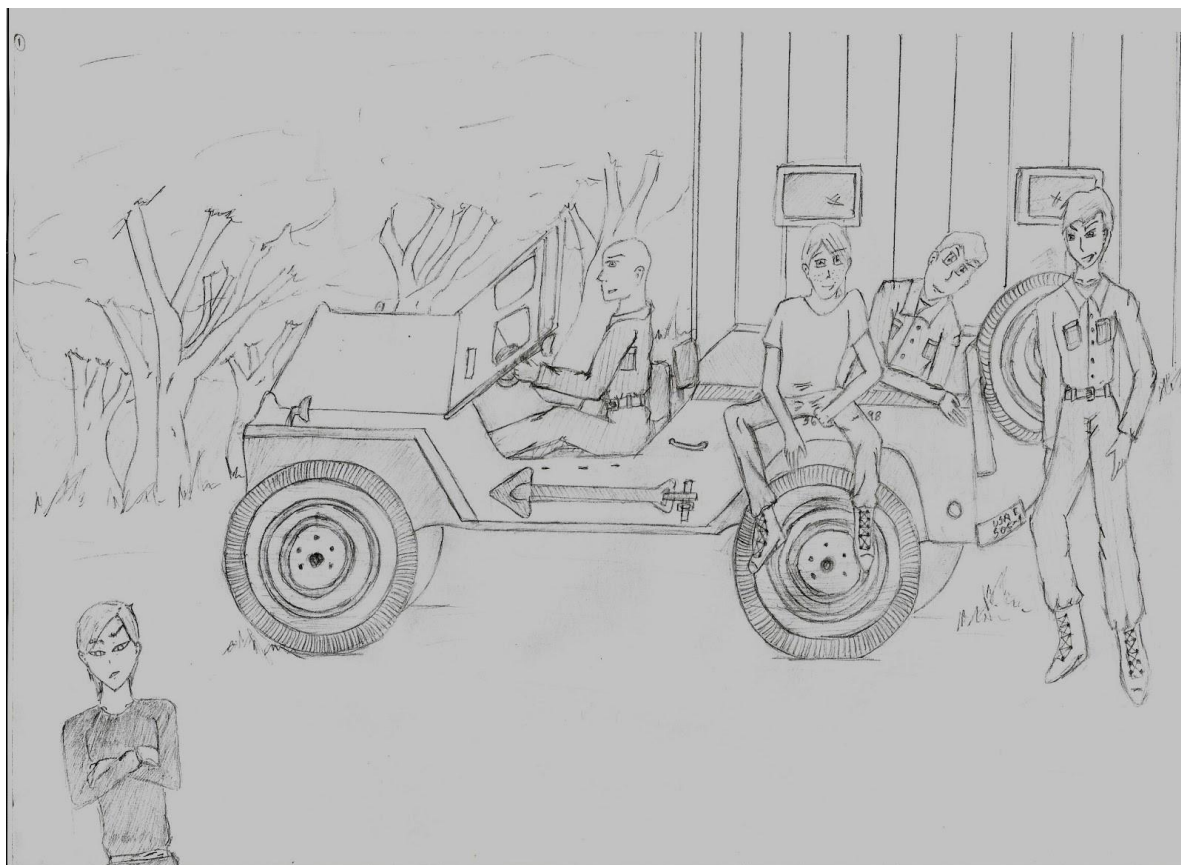
**12. Tiveram objetos ou aspectos que você só foi capaz de compreender com a visualização das imagens? \***

- ☐ Sim  
☐ Não

**13. Acredita que o uso das ilustrações lhe ajudaram a inferir aspectos que não estão explícitos no texto? \***

- ☐ Sim  
☐ Não

Então, depois que o sol estava bastante elevado, o jipe veio entrando na aldeia do vale de forma realmente silenciosa e em grande velocidade. Este parou na praça de frente ao posto escolar que fora trancado no período do verão e, a partir daí, um intérprete japonês e cinco soldados estrangeiros desceram.



14. Houve algum elemento que você conseguiu visualizar melhor com o auxílio da ilustração acima? Se sim, qual(is)? \*

---



---



---

Eles colocaram a bomba d'água da praça para funcionar, beberam da água sempre turva e limpavam os seus corpos.



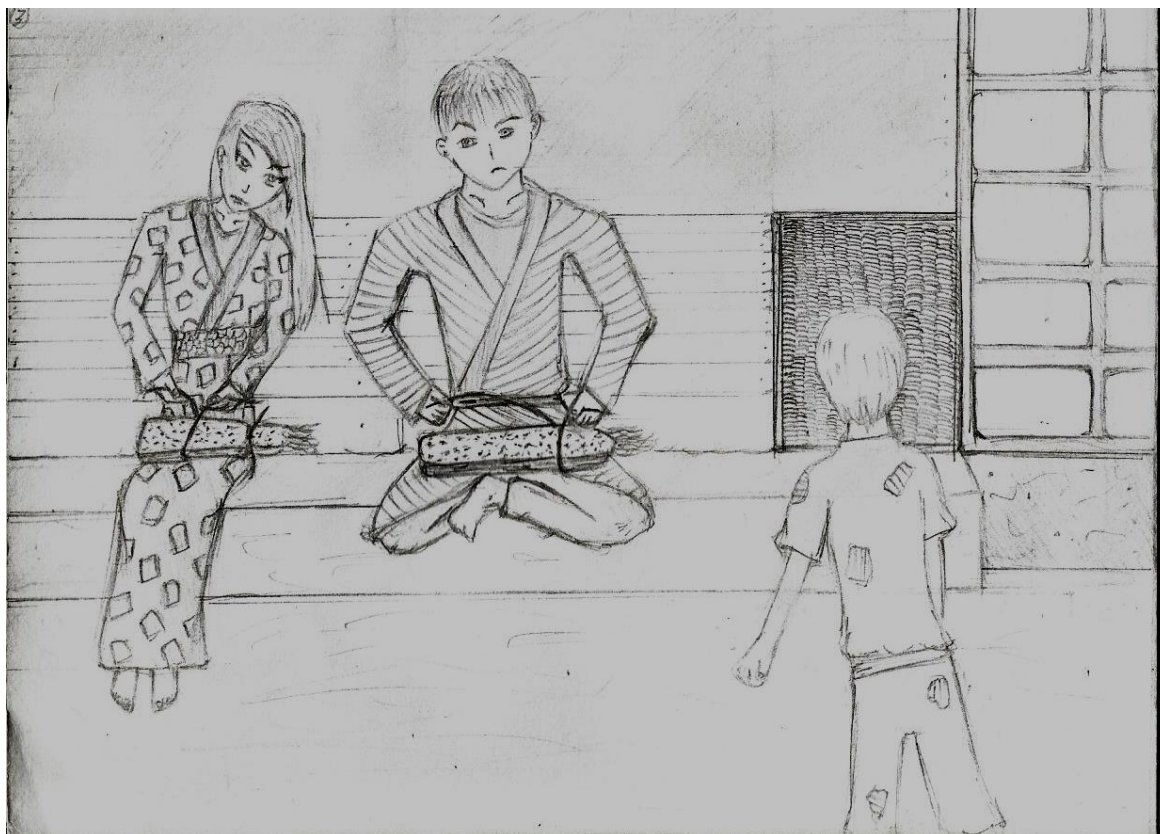
15. Houve algum elemento que você conseguiu visualizar melhor com o auxílio da ilustração acima? Se sim, qual(is)? \*

---

---

---

Seu pai estava sentado na entrada escura de sua casa, trabalhando com sua mãe na separação das cascas secas de bambu atadas em pequenos feixes. Este era um trabalho inconveniente para seu pai que possuía pescoço grosso e ombros firmes. No entanto, na aldeia do jovem, constantemente era impossível fazer apenas trabalhos apropriados a homens, devo declarar. E, em contrapartida, também houve momentos em que as mulheres tiveram que fazer trabalhos masculinos.



16. Houve algum elemento que você conseguiu visualizar melhor com o auxílio da ilustração acima? Se sim, qual(is)? \*

---



---



---

Dentre os soldados, um homem com sardas e muito jovem, pôs a arma em posição no quadril e alvejou a copa de uma Paulownia Imperialis, nela, havia um corvo cinza de barriga inchada que veio da outra margem do rio. O corvo estava imóvel, mas o soldado não atirou, ele abaixou o cano da arma e quando começou a olhar em volta pela margem do rio, em prol da busca pelos sapatos, tanto os adultos quanto as crianças da vila se lembraram de respirar. As emoções das pessoas da aldeia pareciam ter se libertado do nervosismo referente a todos os soldados estrangeiros. Todavia, a partir de uma moita relativamente afastada da margem do rio, o intérprete apanhou o cadarço de seus sapatos, este, mostrava ter sido cortado fora por uma lâmina afiada. Quando o intérprete levantou a voz com ira para os aldeões, a sensação desagradável que se misturava ao medo retornou. Quanto às crianças, recuaram para dentro de ervas daninha e gramas de bambu, além dos brotos de espécies de samambaia japônica que cresceram cheios de vida. Quando o intérprete levantou a voz com ira para o meio dos aldeões. Quanto às crianças, recuaram para dentro de ervas daninha e gramas de bambu, além dos brotos de espécies de samambaia japônica que cresceram cheios de vida.





17. Houve algum elemento que você conseguiu visualizar melhor com o auxílio da ilustração acima? Se sim, qual(is)? \*

---



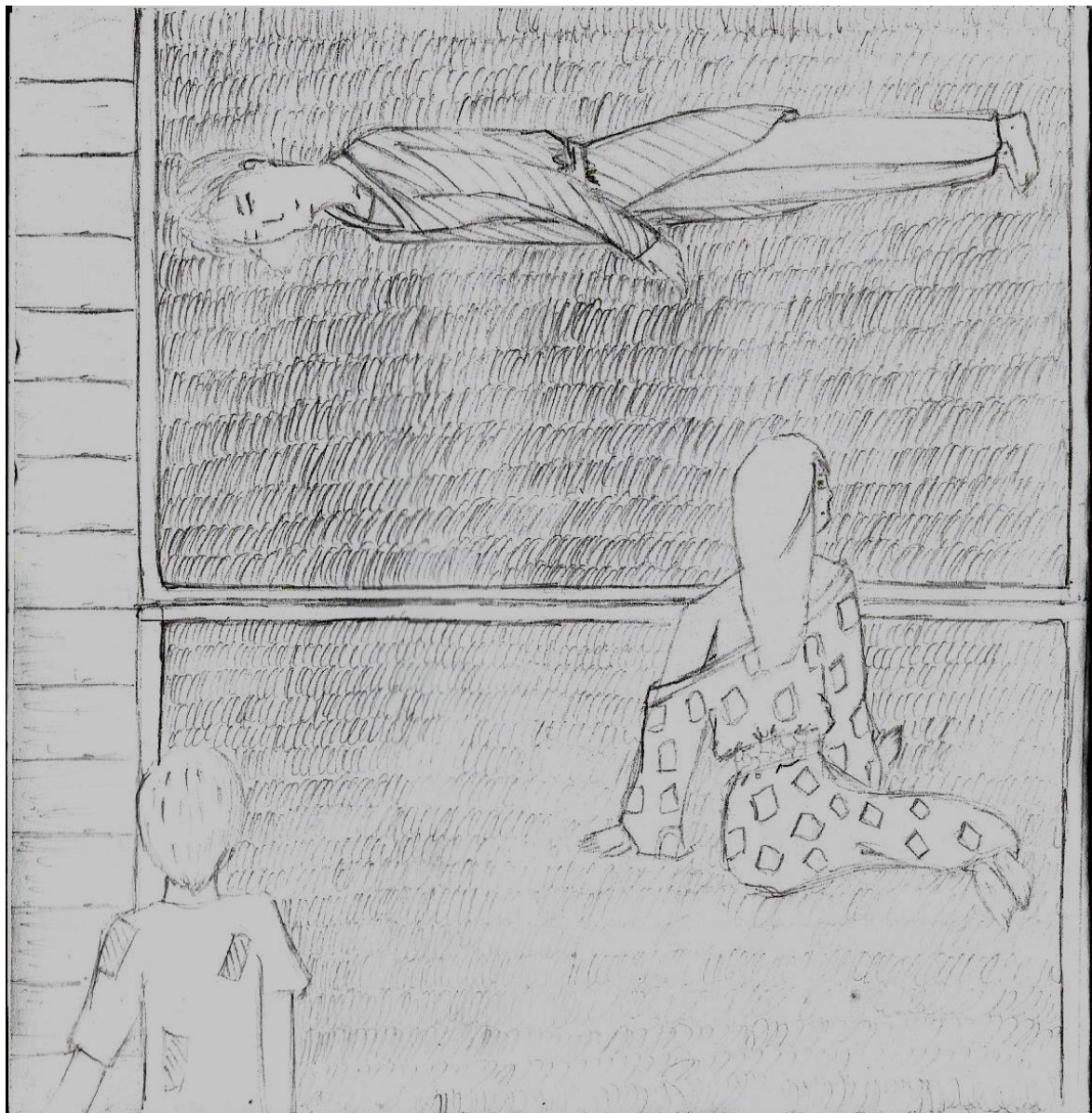
---



---

Quando abriu a porta, a suave névoa azul acinzentada do alvorecer soprava forte a partir desta, ainda aberta, causando um ataque de tosse à mãe, que tinha as costas morenas voltadas para entrada. Ele estava em pé na entrada, enquanto, do mesmo modo, teve também um ataque de tosse. Ela olhava

para ele com olhos realmente duros. Ele se manteve calado e subiu no cômodo com soalho de madeira. O grande corpo do pai estava arrepiado pelo frio, foi posto deitado no canto do tapete de junco do qual ocupava a metade. O olhar da mãe estava passando pela grossa nuca e pelas pequenas costas do filho. Ele soluçou sem levantar a voz. Estava exausto, com sensação de fraqueza, tristeza e, mais do que tudo, tomado por um medo violento. A mão dela tocou na nuca dele. Ele sacudiu isto rudemente, como um louco, e mordeu os lábios com raiva. As lágrimas escorreram. A voz energética de um passarinho surgiu a partir de um bosque de vários tipos de árvores, que incluíam castanheiras enfileiradas.



18. Houve algum elemento que você conseguiu visualizar melhor com o auxílio da ilustração acima? Se sim, qual(is)? \*

---



---



---

19. Acredita que só as ilustrações foram suficientes para compreender aspectos culturais do

**texto ou acredita que algumas explicações a mais seriam necessárias? \***

- ☐ Só as ilustrações foram suficientes.
- ☐ As ilustrações foram úteis, mas algumas explicações ajudariam a melhorar a compreensão.
- ☐ As ilustrações não serviram para nada, mas algumas explicações seriam úteis. Tanto as ilustrações não foram úteis como explicações também não seriam.
- ☐

## APÊNDICE B

## 大江健三郎集

新潮日本文学

64

253

UnB/IL/LET  
Área de Japões

新潮社



## 不意の啞

外国兵をのせた一台のジープが夜明けの霧のなかを走ってくる。毘にかかった小鳥の翼を針金につらぬいてまるめたものを肩にかけ、谷間のはずれの自分の猟場をまわっていた少年がそれを見つけ、しばらくは息をつめてそれを見まもっていた。

ジープが台地をぬけ、窪みへ入りこんで、再び台地へあらわれ谷間の村へ入ってくるまでには時間がある。少年は息せききって村へ戻って来た。かれの父がその小さな集落の部落長をしている、その父が耕作に出る支度をととのえているところへ少年が青ざめて帰って来た。

半鐘をならして、谷間のすべての人々を、谷を見おろす中腹にある父親の家の前へ招集する。若い女たちは山の尾根の炭焼小屋へ待避する、男たちは武器と見あやまれるおそれのあるものを畑の小屋へ運んでおく。そして決しかれらと争うな。これらの訓辞は、いくたびもくりかえして予行練習されたものだった。ただ、なかなか外国兵が谷間の村までやって来なかったのだ。

子供たちは昂奮して谷間の短い村道を歩きまわり大人たちも耕作や蜜蜂の管理や、家畜のための飼料づくりがはかどらなかつた。そして陽がかなり高くなってからジープはじつに静かにすばらしい速度で谷間の村へ入って来た。

それは夏のあいだ閉ざされている分教場前の広場へとまり、五人の外国兵と一人の日本人通訳がそれから降りた。かれらは広場のポンプを動かして常に白濁している水を飲み水をぬぐった。かれらを村の大人たちや子供たちが遠まきにとりまいて見守った。女たちは年老いた者らさえ暗く狭い土間にうずくまって決して外に出ようとしなかつた。

軀をぬぐい終った外国兵たちが再びジープのまわりへひきかえしてくると村の大人たち、子供らの輪がひろがった。かれらは、初めてやって来た外国の兵士たちを見てすっかり動揺していた。

通訳がきびしい表情のまま、大声で叫んだのが、その朝の最初の言葉だった。

「部落長はどこにいる？ 呼んで来てくれ」

村人たちの間にまじって外国兵の到着を見まもっていた少年の父親が輪からすすみ出た。少年は父親が堂どうと胸をはって通訳へこたえようとしているのを感じにみちて見つけた。

「おれだ」とかれの父親はいった。

「今日の夕方、涼しくなるまでこの村で休むことにしてい

## 不意の啞

る。迷惑はかけない。この方たちは食事の習慣がちがうから接待する必要はない、やってもむだになる。いいな」  
「その分教場へあがって休んでもいい」と父親は寛大にいった。

「大人は仕事に戻ってくれ、こちらも休養をとりたいたんだ」と通訳がいった。

そのかれへ褐色の頭をした外国兵が唇をよせてなにかさやいた。

「出むかえてもらってありがとう、といっている」と通訳がいった。

褐色の頭の外国兵は嬉しそうに微笑していた。大人たちは通訳の言葉にもかかわらず、外国兵を見るためになかなかひきあげて行こうとしなかった。かれらも子供らも嘆声をあげて外国兵を見つめていた。

「大人は仕事に戻ってくれ」と通訳がくりかえした。

「みんな、仕事に帰ろう」と少年の父親がいった。

そこでやっと大人たちはみれんがましくふりかえりながら散っていった。しかしかれらは小さな機会でもあればもう一度やってきたそうにしていた。そして通訳にたいして、良い感情をもたない様子だった。子供たちだけがあとに残ると、かれらはやはり外国兵の存在におびえてしまう。そしてジープから少しうしろさって外国兵たちを見まもった。

外国兵たちの一人が井戸からくみあげた水をジープの車

体にあびせて洗いはじめた。他の一人は分教場の窓枠のまえへ行って髪を、陽にもえたつ金髪をなでつけていた。銃のしるしをする者もいた。子供らは息をつめてそれをながめつづけた。

通訳はわざわざ少年たちの傍まで歩いてきて、にこりともしないで四方を見まわしたりしたあと、ジープの運転台へ入ってしまった。そこでかれらは、なんの気がねもなしに、この遠来の客を見まもることができるというわけだった。外国兵たちはおとなしく礼儀正しい感じだった。そして背が高く肩幅がひろく立派だった。子供たちは少しづつ輪をせばめて、もっと良く見るために兵隊たちへ近づいて行った。あまり恐くなかった。

正午がすぎ暑くなってから、外国兵たちは谷川へおりていった。そこには所どころ泳ぐことのできる深みがある。子供らは、裸になった外国兵の軀を驚嘆して見つめた。兵隊たちはまっ白な皮膚と陽に輝く金色の体毛とをもっていた。かれらは水をぶっかけあい、けたたましい声で叫びかわした。

子供らは全身をぐっしり汗で濡らし、それでもおとなしく岸にすわって外国兵たちを見まもっていた。そこへ通訳がおりて来て、かれも裸になったが、かれの皮膚は黄褐色をして、しかも体毛はまったく無く、全身がつるつるして穢（きた）ならしい感じだった。かれは外国兵たちとちがって、

下腹部をしっかりおさえて水にひたりに行くのだ。子供らは通訳のやり方をいくぶん軽蔑して声をあげて笑った。外国兵たちもほとんど通訳をあいてにしない様子だった。ただ通訳の方で、水をぶっかけに行ったりすると、たちまち数人の外国兵の包囲にあつて悲鳴をあげながら退却する、そういうくらいなものだった。

外国兵が裸の軀を奇声をあげながら拭つて上衣とズボンをつけ、駆けて分教場へ戻るのを子供らが追つたとき、通訳は一緒にでなかった。そして暫くして、あわてふためいた通訳がはだしで帰つて来た。かれは熱い石道をもてあましてやつて来たので外国兵も子供らも一緒に笑い声をあげて、そのへつぱり腰の通訳をむかえた。

しかし通訳は笑うどころのさわぎではない真剣な表情をしていた。そして外国兵たちに事情を説明している様子だった。再び、その話を聞いた外国兵が笑い声をけたたましくひびかせ、それにつれて子供らも喉をいっばいにかけて幸福に笑った。

通訳が、笑っている子供らに近づいて来た。かれは一眼でそれとわかる不機嫌さなのだ。かれは子供らを叱りつけるような調子でいった。

「お前ら、おれの靴を知らないか」とかれは足をはだしのままばたつかせた。「おれの靴がなくなつたんだ」

子供らは陽気に笑った。黒っぽく小さな顔を不快そうにしかめている通訳はいい見ものだった。

「笑うな」と通訳がいたけだかになって叫んだ。「お前らのうちで、いたずらをした者はいないか、おい、どうなんだ」

村の子供らは笑いやめ唾をのみこんで、通訳を見あげた。通訳はうちのめされたようなおももちで子供らに話しかけてくるのだ。

「なあ、誰か見かけなかったか？」

誰一人こたえなかった。そしてみんなの眼が通訳の細長く白いはだしの足を見まもつた。それは決して靴をはいたりしない村の人間の足とちがつて弱よわしく、そして幾分いやらしく見えた。

「知らないのか、お前ら」と腹をたてた声で通訳はいった。「役に立たないやつらだ」

外国兵たちは暑い日射しをさけて分教場の屋根の下へ入りこみ、そこから通訳と子供らの応対を見まもっていた。かれらは、黒い服とはだしの奇妙な対照を示している通訳を楽しんでいるようだった。

「部落長をよんで来い、すぐに来いといえ」と通訳がきわめて高圧的にいった。

部落長の息子の少年は仲間から離れ、坂の急な石道を林をぬけて駆けあがった。父親は暗い土間に坐つて母親と一緒に乾燥した竹の皮をよりわけて小さい束にする仕事をしていた。それはがんじょうな肩と太い首をもつた父親には似つかわしくない仕事だった。しかし少年の村ではつねに

## 不意の啞

男らしい仕事だけをしていることは不可能というべきなのだ。そして逆に、時には女たちが男らしい仕事をしなければならぬ事もある。

「あ？」と噁れた声で父親が、少年の呼びかけにこたえた。

「通訳の靴がなくなって困ってる」と少年はいった。「それで来てくれていていい」

「知るものか」と父親は不機嫌にいった。「あの穢<sup>きた</sup>ない男の靴なんか知るものか」

しかし父親は立ちあがり少年につづいて陽のまぶしい戸外へ眼をほそめながら出て来た。かれらは谷間へおりて行った。

広場のジープのまわりには村の大人たちが集まって来て通訳の靴に関する説明を聞いていた。部落長が汗を額にうかべてたどりついたのへ通訳は雄弁にくりかえした。

「泳いでいる間に靴をぬすまれた、あんたの村のことはあんたに責任がある。靴をとりもどしてくれ」

少年の父親は回答するまえに村の大人たちをふりかえった。父親はそれからゆっくり通訳へむきなおって頭をふった。

「なんだ？」と通訳がいった。

「おれはそのことに関係がない」と父親はいった。

「あんたの村で盗まれた」と通訳は固執した。「責任はあんたの村にある」

「盗まれたのかどうかわからない」と父親はいった。「流れたのかもしれない」

「おれは砂の上に服といっしょに脱いでおいた、それは確かだ。流れるわけがない」

父親はもういちど振りかえり子供らと大人たちすべてにいった。

「お前ら、靴をぬすんだ奴がいるか？」そしてかれは通訳にいった。「居ないらしい」

「子供だましをするな」と通訳がいきりたていった。かれの薄い唇はきわめてこまかく震えていた。「おれをなめるな」

父親は黙っていた。通訳がそれへおっかぶせてきた。

「あの靴は軍のものだ、軍の備品を盗んだり隠匿したりする奴がどういふことになるかわかっているのか」

通訳がふりかえって腕をあげると、それに応じて背のすばらしく高い金髪や栗色髪の男たちが分教場から出て来て通訳と父親とをとりまいた。父親は外国兵の広く高い肩のあいだへすっかくかくれてしまう。外国兵たちは今さらながら、短くがっしりした銃をその銃床が腰へごつごつぶつかるような具合に肩へかけていた。

外国兵たちの輪がほどけ、そこから父親が顔を出して大声でいった。

「一応、川のあたりを探してみることにする、手伝ってくれ」

そして通訳と父親を先頭に、外国兵たち、村の大人たち子供らが谷川へむかって歩いた。子供らは昂奮して、羊齒の茂みへがむしゃらに足をふみこんだりしながらついて行った。短い川岸を探すことはごく簡単な作業にすぎなかった。そして、通訳のほかは誰もその作業に身をいれようとしなかった。

外国兵のうち、きわめて若い雀斑のある男が、銃を腰にかまえて桐の梢を狙った。梢には腹をまるくふくらませた灰色の鳥が向う岸から移ってきたところだった。鳥はじつとしていたが外国兵は撃たなかった。かれが銃身をおろし、川べりを靴をさがすための眼で見まわしはじめた時、村の大人も子供も、みんな熱い息をついた。村の人間たちは、みんな外国兵にたいして緊張をときはなれたような感情になっているのだった。

しかし、通訳が川岸よりかなり離れた草むらから、かれの靴の紐を拾いあげ、それが鋭利な刃もので切りとられていることを示して怒りの声をあげると、村の人間たちのあいだへ、再びおびえのまじったぎこちない気分が回復した。子供らは、笹や雑草、それに羊齒類の生いじげた中へ後ずさった。

通訳が大きい声で外国語を叫ぶと、褐色の頭をした胸の厚い兵隊がかれへ大股に近づいて行った。通訳は紐の切れた部分や、川岸からの距離を指で示して説明した。その間、父親は不機嫌に眉をしかめてそれを聞いていたが、外

国語を理解しないかれは別のものの思いにふけっているのにすぎない。兵隊がゆっくりうなずき村の大人たちを見まわした。それから通訳が父親をとなりつける勢いでしゃべり始めた。

「お前の村の人間に盗人がいるんだ、それは誰かお前には分っているだろう？ そいつに白状させてくれ」

「おれには分らない」と父親はいった。「この村で盗みを働いたものはいない」

「嘘をつけ、おれが騙されるとでも思うのか」と口穢なく通訳はいった。「軍の備品を盗んだ奴は銃殺されても仕方がないぞ、それでいいのか？」

父親は反応を示さなかった。通訳は陰しく眉をひきつらせてかれを見つめていた。その通訳へ褐色の頭の外国兵がごく普通の声でなにかいった。通訳が不機嫌なままうなずきかえした。そこでかれらは分教場前の広場へひきあげて行ったが、陽に焼けた道をはだしの足で歩く通訳のかっこうはかなり滑稽なものだった。通訳は跳びはねるように歩きながら、しきりに首筋の汚れた汗をぬぐった。

分教場前の広場で、通訳は褐色の頭をした兵隊に身ぶりいりでしゃべったあと、あきらかに村の大人たちすべての胸をゆさぶる効果をねらっている調子でいった。

「お前たちの家を強制的に搜索する用意がある」とかれは力をこめてそれをいうのだ。「靴を隠匿している者は逮捕される。しかし、今、自発的に靴を提出して謝罪する意志

## 不意の啞

があれば、不問にふすことにする」

村の人間たちはまったく動揺しなかった。通訳はますます苛だつていった。

「おい、子供たち、お前たちのなかで誰か靴をかくす奴を見たものはいないか？ もしいたらおれにいつけに來い。褒美をやる」

子供たちは黙っていた。通訳は再び外国兵と激しい身ぶりで話し合った。外国兵があきらめたようにうなずき、分教場へひきこんでしまうと、汗まみれの頭をふりたてて通訳はいった。

「すべての家屋を捜査する、軍の備品を盗んで匿したまま黙っていた奴は処罰する」そしてかれは命令した。「おれについて來い。全員立ちあいの上で北のはしから捜索する。品物が発見されるまで、独立行動は許さないことにする」

村の大人たちは誰一人動こうとしなかった。通訳が声をはりあげた。

「なにをぐずぐずしている」とかれは村人たちへつつかかる勢いで叫んでいた。「おれについて來いといってるんだ、協力しないつもりか」

かれの声はむなしく炎天へすいこまれてゆき、村の男たちは汗のぶつぶつふき出た腕をこまねいてじっとしていた。通訳は怒りのあまり身もだえせんばかりで、熱っぽい眼を見ひらき四方を睨みつけて軀を震わせた。

「おれについて來い、一軒ずつ捜索するんだ」

「行こう、立合うことにしよう」と父親がいった。

そこで村の男たちは谷間の北側へ通訳にしたがって歩いて行つた。谷間へ陽がもっとも激しくあたる時間だった。

怒りくるっているはだしの通訳は滑稽な歩き方で道にしいた石の熱さに耐えながらしゃにむに歩いていったので、それを見送る子供らに笑いをまきおこした。外国兵たちも当惑しきつたような笑い声をたてた。そこで子供たちは外国兵への親しみを急速に回復した。

通訳の捜索がおこなわれるあいだ出発できない外国兵たちはジープのまわりを手持ちぶさたに歩きまわったり、分教場へひきこもったりしていた。子供らはその外国兵たちを見まもって楽しい時をすごした。外国兵の方では着物を着た小さな女の子をめづらしがって、写真をとったり手帖に書きとめたりした。しかしあまりに捜索が長びくのでかれらはそれにもあきてしまうほどだった。

通訳はじつに執拗に捜索をつづけていた。外国兵たちは分教場の板ばりの床へ土足であがりこんで寝そべったり腰をかけたりに待っていた。かれらは途方にくれている様子だった。なかにはたえまなくあごを動かしている若い兵隊もいて、かれは時おり陽に乾ききって埃をあげる地面へ桃色の唾を吐いた。

大人たちは通訳にしたがって家々の捜索に立ちあつたが、子供たちは分教場の広場にむらがつてジープを見た

り、うんざりしている兵隊たちを見たりしていた。かれらはあきることなく熱心に見つめていた。若い兵隊が、かれの噛んでいる紙包装の菓子を投げてよこした。子供たちは微笑を顔いちめんにかべ嬉しきでわくわくしながらそれを食べたが歯にねばねばこびりつき、皮のように噛みきれない感じだった。子供たちはそれを吐き出したが、すっかり満足していた。

ふいに陽がかげり谷間をかこむ山肌が黒ずみ、風が起って栗の林の下草を揺がせた。夕暮だった。そこでとうとう疲れきった通訳は村の大人たちをひきつれ、むっと不機嫌に黙りこんで広場へ戻って来た。かれのはだしの足は汗と埃に汚れて黒っぽい布でつつまれているようだったし、なによりも大きく醜かった。

かれは分教場に入りこんでいる外国兵たちに事情を説明している様子だった。もう外国兵たちのあいだに笑声はおこらなかった。外国兵たちも待ちくたびれて腹だたいい表情をしていた。外国兵たちが銃を腕に広場へ出てくると、それを背後の支えにして通訳は村の大人たちへ向きなおった。

「協力してくれ」とかれは哀願するような声になっていた。「おれに協力することは進駐軍に協力することだ。日本人は、これから進駐軍に協力することなしには生きてゆくことができない。お前たちは負けた国の人間じゃないか。勝った国の人間に虐殺されても不平をいえない立場

だ。協力しないでいることは気違いざたじゃないか」

大人たちは黙って通訳をみつめていた。通訳は苛だつて少年の父親へ指をつきつけながら、もとの圧しつけがましい声に戻って叫んだ。

「おれの盗まれた品物が返るまで、おれたちはこの村を出ないぞ。おれが兵隊たちに、この村には反抗的な人間が武器をもってひそんでいるというだけで、兵隊はこの村にとどまっとりしらべを始めるだろう。兵隊が腰をすえたら、お前らが今、山へやっている女房や娘もただではすまなくなるぞ」

通訳は村人たちの動揺をたしかめるように重おもしろく唇をひきしめて睨みまわした。

「なあ、協力しないつもりか」

「誰もあんたの靴を知らないといってる。川へ流したのじゃないかといってる」と少年の父親が忍耐づよくいった。

「協力するもしないもない」

「この野郎」と通訳は歯をむいて叫び、やにわに父親の顔を正面から殴りつけた。

父親はがんじょうなあごをしっかり支えたままびくともしなかったが、唇が切れて血のしずくがしたたり始めていた。そしてその陽にやけた頬にゆっくり赤みがさしはじめのその息子の少年は胸をしめつける不安にとりつかれて見あげた。

「この野郎」と通訳は息をはずませていった。「お前は部



## 不意の啞

落長だ、責任がある。お前が盗人の名をいわないなら、お前のことを盗人だと兵隊にいつてやる。そしてお前をつかまえさせて進駐軍の憲兵にひきわたさせてやる」

少年の父親はゆっくりむきをかえ、通訳に背をむけて歩きはじめた。少年は父親がすっかり腹をたててしまったのを感じた。通訳が大声で呼びもどそうとしたが、父親はそれに反応を示さずぐんぐん歩いていった。

「とまれ、泥棒、逃げるな」と通訳が叫んだ。そしてかれは外国語をそれにつづけて絶叫した。

若い兵隊が銃を腰にかまえてとびだし、やはり外国語でどなった。父親がふりかえり、そして急に恐慌におそわれたように駈け出した。通訳が叫び、若い外国兵の銃が号音をひびかせ、父親が両腕をひろげて空へ跳びはねるように身をうかせ、そのまま地面へたおれた。村の人間が駈け寄り、それよりもさきに息子の少年がたおれた父親にとびついていった。父親は眼と鼻、それに耳からも血をあふれださせて死んでいた。少年が嗚咽にゆりうごかされながら父親の熱に燃えあがりそうな背に顔を埋めた。かれ一人で父親を所有してしまっていた。そこで他の村人たちはふりかえり夕暮の濃い空気をおして、ぼうぜんと立っている通訳と外国兵とを見つめた。外国兵から離れ、二三歩ふみ出した通訳が逆上した声をかけてよこしたが、村の大人たち、子供たちの誰一人こたえなかった。みんな黙りこんで通訳を見つめているだけだった。

夜がふけて、少年とその母親だけが、床に横たわっているがんじょうな死体の傍にいた。母親は男のように尻をつき膝を両腕にかかえこんで身動き一つしないでいた。少年は谷に面した窓から下を見つめて、これも身動き一つせず黙りこんでいた。

谷間の底の谷川から濃い霧が湧きあがっている。少年は眼をこらし、村からの石道を大人たちがのぼってきているのを、そしてかれらを追って霧が上方へゆっくり移動しているのを見つけた。大人たちは黙りこんでゆっくりのぼって来た。重い荷をせおっているようにかれらは足を十分にふみしめてのぼってくるのだ。少年は唇をかみしめ動悸をたかまらせて、それを見つめていた。それはじつにゆっくり、しかし着実にのぼって来た。少年は気が遠くなりそうだった。それから急に母親がいざりよってきて窓をのぞいた。かれは母親が大人たちを見つけたのを感じた。母親がかれの肩に腕をまわした。少年は母親の腕のなかで身をかくした。

大人たちが檜の木立にかくれたと思うと、すぐかれらは少年の家の土間へ通じる板戸を声もかけずに押しひらき、そのままそこへむらがって黙ったまま少年を見つめた。少年はかれを抱きしめている母親が震えはじめるのを感じ、たちまちそれに感染されて自分も身ぶるいを始めた。

しかしかれは母親の腕を自分の身からほどき立ちあがった。そして土間へはだしのまま降りて行き、大人たちに囲



まれて歩きはじめた。大人たちは霧にぬれた傾斜の急な道をどんどんくんだり、少年はおびえと霧の寒さに身ぶるいつづけながら小走りについて行った。

道が石灰岩をとるために開かれた小さな採石場の前の平坦な場所まで二股にわかれる。土橋をわたると谷川の深みへ降りる石段へ通じる。そこで大人たちの不精鬚におおわれた、貧しく陰険な顔が緊張にゆがみながら少年を見おろした。かれらは黙りこんだまま少年を見つめていた。

少年は震えをおさえるために自分の軀をだきしめ、大人たちに背後から見つめられるのを感じながら分教場前の広場へ向って一人で駆けた。ジープが柔らかな月の光をうけて静かにとまっていた。その前へ少年はいつて立ちどまつた。兵隊たちは分教場の中で寝ているはずだった。少年はねばっこい唾を口腔いっばいにためてジープを見つめていた。

運転台のなかで人影がむっくり起きあがった。それはドアをひらき半身を乗り出した。

「誰だ」と通訳の声がいった。「何をしに来たんだ」

少年は黙っていた。そして通訳の黒っぽい頭を見あげた。

「おれの靴をかくしてある所を知ってるのか？」と通訳がいった。「それをおれにいつて褒美をもらいたいのか」

少年は頬をこわばらせ力のすべてをつかって顔をあおむけていた。そして黙っていた。通訳が快活な身のこなしで

とびおりて来た。かれは少年の肩をどんと叩きつけた。

「お前はいいやつだ、さあつれていつてくれ。心配することはない、大人には黙っていてやる」

少年と通訳は軀をこつこつぶつつけあいながらひきかえした。少年は震えをけどられないように意志の限りをつくしていた。

「褒美は何をやるうか」と通訳は饒舌にしゃべっていた。

「おい何がほしい？」兵隊に菓子をもらつてやるうか、外国の絵葉書を見たことがあるか？外国人の読む雑誌をやってもいいぞ」

少年は黙ったまま息をつめて歩いた。はだしの足裏に磔が痛かった。それは通訳にとつてはなおさらのことらしかった。かれは陽気にしゃべりながらひよいひよい跳んでついて来た。

「お前は啞か？」と通訳はいった。「啞でももの分りがいいな。お前の村の大人ときたら頭がどうかしてるよ」

かれらは採石場の前へ出た。土橋をわたり、霧にぬれてすべっこくなっている石段をおさえた。そして剛毛がいちめんに生え筋肉が石のようにかたくもりあがっている数人の大人の軀が萎縮したセクスをあらわにして通訳をかこんだ。通訳は身動き一つできないまま数人の裸にだきつかれ、水のなかへゆっくり沈みこまされていった。呼吸の苦しくなった者が通訳の軀からはなれ水面へ顔をつきだして

## 不意の啞

一呼吸すると再びもぐってゆき、通訳の軀をだきしめる。長いあいだ、かわるがわるその作業を大人たちはくりかえし、それから通訳だけ水の深みへのこして石段へあがって来た。かれらはみんな寒さに震えていた。そして軀をぶる震わせて水をきるとそのまま服を着こむのだ。大人たちは坂道のはじまりまで少年を送って来た。それから黙ったままひきかえすかれらの足音においたてられるように少年は夜明けの林を駆けあがった。

扉をあけると柔らかな青灰色の夜明けの霧が開かれたままの扉からあふれこみ、黒い背を土間へむけてじっとしている母親を咳きこませた。かれもやはり咳きこみながら土間に立っていた。母親がじつに険しい眼でかれを見かえた。かれは黙ったまま板の間へあがり、父親の大きい軀が半ばしめている莫塵のすみに寒さに鳥肌だった軀を横たえた。母親の視線がかれの狭い背や細い首筋をはいまわっていた。かれは声をたてずにむせび泣いた。かれは疲れきり無力感と哀しみ、そして何よりも激烈なおびえにとらえられていた。母親の手がかれのうなじにふれた。かれは狂気のように荒あらしくそれをふりはらい唇を噛みしめた。涙が流れた。家の背部にすぐ連なる栗をふくむ雑木の林から旺んな小鳥の声が湧きおこった。

朝、外国兵の一人が谷川の深みにうかんでいるまっ白な足をそろえてつきだした通訳を見つけた。かれは仲間をよ

びおこしそれをつたえた。かれらは通訳を川からひろいあげるために村の人間を使おうとした。しかし、かれらのまわりに子供らは決して近づいてもこなければ遠くからかれらを見まもっている様子もなかった。

大人たちは、耕作したり、蜜蜂の箱をなおしたり草を刈ったりしていた。外国兵たちが身ぶりでの意志をしめしても大人の村人たちはまったく反応を示さなかった。そして外国兵たちを樹木か舗石のように見て、仕事のつづきにとりかかる。みんな黙りこんで働いていた。外国兵が村に入っていることを忘れてしまっているようだった。

ついに外国兵の一人が裸になって川へ入り、溺死体（でし）をひきよせ、それはジープに運びこまれた。昼まえのあいだずっと、ジープのまわりで外国兵があるいは腰をおろしたり、あるいは歩きまわったりしていた。かれらは死ぬほど苛いらしている様子だった。

それから、ふいにジープがむきをかえると村へ入って来た道をひきかえして行った。村の人間は子供もふくめて誰一人それに注意をはらわず、ごく日常的な動作をしていた。道が村を出はざれるところで、女の子供が犬の耳をなでてやっていた。外国兵のなかでいちばん澄んだ青い色の眼をした男が菓子（かし）の包みを投げてやったが、女の子供も犬も身うごき一つしないでその遊びをつづけた。

